

OS SALÕES

AS AGONIAS

PELO

VISCONDE DE OUGUELLA

QUINTA SÉRIE

DEPOSITO

LIVRARIA AUGUSTO FERIN

70 - Rua Nova do Almada - 74

LISBOA



OS SALÕES



AS AGONIAS

LISBOA

TYPOGRAPHIA ELZEVIANA

Rua do Instituto Industrial, 23 a 31

1887

OS SALÕES

AS AGONIAS

PELO

VISCONDE DE OUGUELLA

QUINTA SERIE

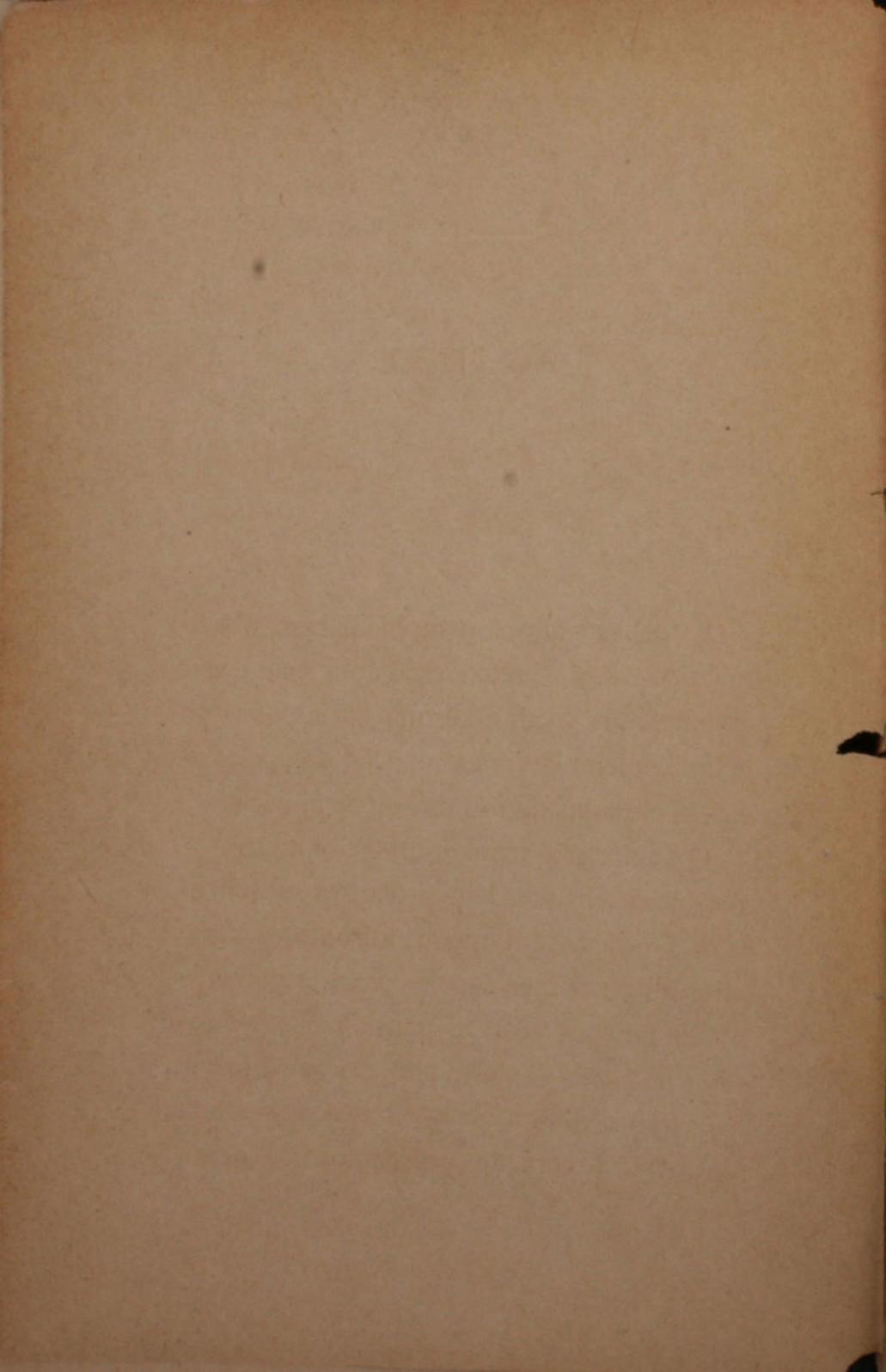


DEPOSITO

LIVRARIA AUGUSTO FERIN

70 — Rua Nova do Almada — 74

LISBOA



AO LEITOR

La pensée est pouvoir,
Tout pouvoir est devoir.

Victor Hugo.

Este livro não é pamphleto nem libello politico — não pretende demolir nem combater. É um modesto estudo social, escripto n'uma inteira despreocupação das polemicas acaloradas da imprensa portugueza.

O auctor não toma injurias por argumentos, nem tem por demonstrações sobranceiras. Não ha aqui apódos affrontosos, nem allusões ou referencias aos actuaes politicos d'este paiz — nem se pensa n'elles. Pensa-se na patria — n'essa sim, porque a patria não é só d'elles: é de nós todos, que ainda sentimos o coração pulsar-nos no peito,

quando pensamos na maravilhosa epopéa das nossas conquistas, cujo padrão está ahí tão nobremente levantado na praia do Restello, onde, queremos suppor, fulge até agora immaculado.

Tão secundaria é a nossa situação em todas as questões que preoccupam hoje a Europa, que nenhuma iniciativa nos póde caber em qualquer d'ellas. Quando algum astro fulge com maior esplendor, e augmenta a sua grandeza no horizonte europeu, tenta logo a nossa diplomacia gravitar, como satellite, em torno d'esse luminoso centro. Podem estas aberrações de rotação custar-nos Bombaim, Olivença ou qualquer dominio na Africa — mas por isso entramos com ar garrido e loução nos concertos das grandes potencias.

A marcha da nossa evolução, nas condições em que se acha a sociedade portugueza, ha de ser sempre dirigida por impulsos extranhos, por influencias que actuem do

exterior, e que repercutam aqui, annos depois de se terem manifestado n'outras latitudes. Se as tendencias do espirito não fossem a determinados estudos, seria difficil explicar benevolmente publicações d'este genero. Dos poucos que leem, os mais d'elles, estudam os espinhosos problemas dos varios ramos do saber humano, nos livros dos paizes onde esses pontos da sciencia se agitam, e onde as primeiras illustrações d'este seculo porfiam em os observar e resolver. Os restantes, que são muitos — chamemos-lhes legião — esses encontram idéas e phrases já formuladas e redigidas pelo oraculo do seu centro, do seu bairro, da sua aldeia ou do seu villar. É a suggestão mental inconsciente sem os enfados do hypnotismo. Pode tambem ser uma fórma de anniquilamento intellectual, que por diversos caminhos leva ao nihilismo slavo. Esta herança que recebemos do regimen creado pela Inquisição, pelos escrupu-

los asceticos, pèla Intendencia Geral da Policia e pelos Capitães Móres vae ainda dando, por atavismo, cerebros atonicos e atrophados. Não indagámos se alguns exultam com esta opprobriosa inercia — nem se nos dá que por isso rejubilem. O que sabemos só, e tanto basta, é que estes cerebros de poisio, se forem despertados d'esse somnambulismo natural pela improvisa explosão das energias sociaes, hão de dar um torrão uberrimo e feracissimo para abundantissimas messes e copiosa safra. Tal é a preciosa facilidade com que se acurvam a todas as normas da suggestão mental.

A verdade é uma deusa importuna — sempre a escorrer em agua, só serve para estragar mobilia e encharcar tapetes. Ora, se ella sae d'um poço e vem nua! Melhor era que fosse enxugar-se, e vestir camisa. Mas não — dá-lhe para falar, e Deus nos acuda! Mulher, e mulher com carradas de razão, e ainda por cima deusa, e deusa a

dizer verdades! — é para tremer como varas verdes. Demais a mais é caso para accumular sobre nós todos, o odio dos imbecis todos tambem. Valha-nos um parnasiano moderno, dizendo algures, que o odio dos imbecis é tal qual, sem tirar nem pôr, como o Paraiso. Só o alcança, quem primeiro o tiver ganhado cem vezes, por pensamentos, palavras e obras. E notem, insiste o poeta, que o odio de taes sujeitos não socega nunca; mas força é merece-lo, por que sem esta consagração não ha trabalho que valha, nem estudo proveitoso. Por isso estamos nós, n'este ponto, violentando o mencionado odio a cobrir-nos de laureis.

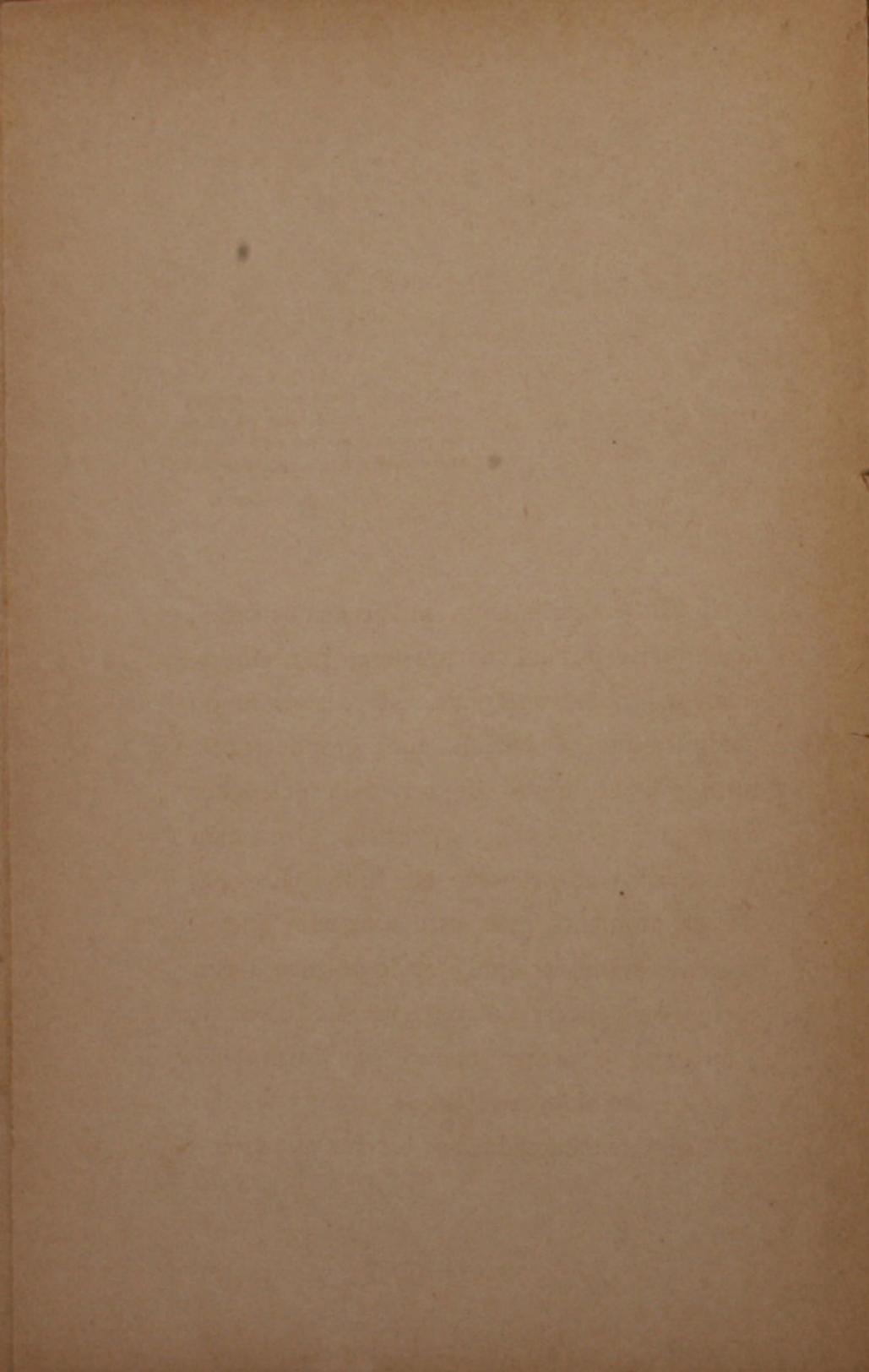
O que é verdade, e appellamos já d'aqui para a deusa desnuda, e provavelmente ainda humèdecida — o que é verdade, vamos dize-lo: é que este marasmo social é riscoso para a existencia d'um pequeno paiz, n'um periodo politico, em que as grandes potencias jogam n'um lanço de dados a sorte das

nações, e por isso corre o imperioso dever aos homens, que dirigem a politica portugueza, de empregar todos os esforços, toda a energia que possuem, para levantar a patria d'este abatimento, d'este torpor, que elles mesmos reconhecem, e que a cada hora se patenteia mais fundo e menos curavel. Sabemos que para esta acção energica é mister vontade. E se a não houver? Para essa hypothese vem aqui de molde um caso que, em tempo, ouvimos narrar. Haverá quarenta annos, um celebre tiful parisiense achou-se invadido por uma erupção cutanea de feio nome, e era então mais demorado e enfadoso o tratamento. Foi-se a consultar uma illustração medica, o especialista Riccord, e perguntou-lhe: « diga-me, doutor, se o tratamento me impacientar o que devo fazer? Oiça, respondeu o distincto medico, n'esse caso lembro-lhe, que se coçe, por que ainda que eu lh'o não aconselhe, o senhor ha de coçar-se por força. »

Se o paiz se deleita com o presente estado lethargico, continue muito embora n'esse descuidoso hypnotismo, e receba a seu talante innumeras suggestões mentaes. Permitta Deus, que o hypnotizador não seja nunca, em vez de Charcot, de Richet ou de Gilles de la Tourette, um temeroso abalo social. No entretanto é bom ir aproveitando o conselho do Ricord.

Lisboa, 3o de março de 1887.

Visconde de Ouguella.



«Nós, que ainda no que erramos
estamos errando de seus erros, que
nos peccados que commetemos por
seus peccados estamos peccando!»

Garrett.

Não ha entendimento ainda o menos subtil,
nem mente por menos presaga, que não va-
ticipem já, sem energicos esforços de fundo
meditar, que se avizinha uma grande trans-
formação no modo de ser das sociedades
da raça aryana. D'esta previsão promanam
as atoardas que reboam em toda a Europa,
a cada momento mais estuosas, com que se
pretende significar, que o cyclo politico d'este
seculo será encerrado com a revolução social.

Irrompe o presentimento por fórma tão
vaga e indefinida, repetem-se estas vozes tão
confusas e encontradas nos receios que inten-

x tempestuosos, quasi inante.

tam exprimir, prefigura-se esta visão em contornos tão indecisos e despintados, que se nos não afigura nocente estudar sem preocupação mal cabida, as causas que originam este presagio, e analysar, com detença, os phenomenos que determinam estas apprehensões e suspeitas.

Uma revolução não é um motim ou uma volta, em que o vulgacho insoffrido rompa, com frustraneos pretextos, em ardidias contensões e rebates. Uma revolução não se manifesta precipitosa ao ^{fructuoso} nuto imperioso d'um corypheu politico, nem surge subitanea rai-vando em arrebatamentos e discrimes, por que assim aprouve a uma turba de descontentes ou malavindos,

Revolução social, na significação lata do vocabulo, exprime mudança na constituição dos Estados, transformação das suas instituições, e alteração violenta no exercicio das suas funcções organicas. Revolução social é uma manifestação acerbamente hostile contra

-inclina
cão, pro
pripal
-dizem
Caro, con
flito

o passado, e pela qual se busca, por mais sanhudos e impetuosos que sejam os meios, alcançar uma nova organização das sociedades, um futuro menos afanoso e ensombrado.

Phenomenos d'esta ordem, não rompem de improviso e inopinadamente como miragem que nos illude e apavóra. Teem fatalmente raizes profundas nos seculos preteritos, e são sempre o complemento, o remate d'uma longa serie de disequilibrios sociaes, que revelam, com o seu apparecimento, os longos periodos de anarchia e de descrença, em que se convulsionaram os povos, e os governos.

Quando a evolução lenta e suave suspende o seu andamento sereno e calmo, para ceder o passo aos impetos e ardimentos revolucionarios, é por que a acção das leis sociologicas carece da energia e heroicidade d'estes revulsivos, para, no fragor da lucta, debellar as causas morbidas que aniquilam as sociedades.

E' mister desagregar e disjungir institui-

* desunir
separar

* o caso da
interferência

ções, cuja existencia não têm já por base a crença publica, nem se estribam na vontade das multidões — instituições, que são apenas um simulacro de principios autoritarios que caducaram, ou a tradição vetusta de esperanças que feneceram, e que se conservam postas de pé, na sua cabal inutilidade, por que o sopro furioso da tempestade revolucionaria ainda as não veiu derruir nem apagar.

Não é, pois, a ardencia dos impacientes e dos ousados que provoca o momento da explosão. Tão aparelhadas vem sempre pelo labor dos seculos estas grandes perturbações sociaes, que ninguem póde afoitamente assignalar-lhes a hora em que se hão de expandir e dilatar. As mais das vezes, por ironia das leis historicas, simulam ser occasionadas por um facto acanhado e anodino, ao passo que a transformação social, que tem actuado por uma fórma latente e ininterrupta, oppõe-se abertamente a conciliações estereis e inopportunas.

O scepticismo profundo que lavra actualmente em todas as sociedades europeas — scepticismo que abrange, na sua vastidão, tudo quanto ha curtos periodos reputavamos radicado nas espheras da intelligencia e do sentimento, é a prova provada de que entrámos já n'uma das phases mais accentuadas da evolução social, e que a par do desfallecimento das crenças, assistimos á agonia de muitas instituições, e de variadissimos interesses.

Não são os arremessos do quarto estado, manifestados a revezes, que mais assoberbam a vida actual das familias europeas, e coloreiam com tons mais quentes, o pendor por onde resvalam tantos dogmas e axiomas, tidos por incontrastaveis e sagrados. Não é só a angustiosa miseria e a lucta desesperada pela vida, no seio dos grandes focos de população, que atemorizam e intimidam, quando tumultuam nas officinas, e rebentam nas praças em formidaveis explosões. O que contorna mais vigorosamente o presente estadio

da evolução, o que resalta com linhas mais salientes, e põe em luz esta epocha transitória, é o esvaecimento gradual de todas as crenças, o afrouxamento successivo de muitos dos principios em que repoisavam as modernas sociedades.

«Dir-se-hia, escreveu nas suas *Memorias* o Barão de Vitrolles, que ha certos momentos em que as idéas se expandem como epidemias. E' uma febre que se apodéra dos espiritos, e a que ninguem se pôde esquivar. Vem de envolta com o ar que se respira».

A equivocação do escriptor legitimista nasceu de suppor, na sua ingenuidade, que as idéas brotam espontaneamente, e occasionou-a um desconhecimento absoluto das leis sociologicas. Avisado anda um polemista allemão, que, n'um livro de grande ruido e notoriedade, observou, que debalde se buscaria hoje um quietista politico, resolvido a não tocar nas instituições existentes, e tentando, para esse proposito, carear proselytos.

«Já não ha conservadores», affirma o lucido escriptor. Semelhante qualificação deveria ser expungida do vocabulario politico, se a quizeramos tomar no sentido estricto da palavra. Conservador é todo aquelle que quer conservar o que existe; mas a verdade é que ninguem quer tal. Deixou de ser methodo de lucta politica a defesa. Todos tomam a offensiva. Pensa-se sómente em reacção e reforma, isto é, em revolução para retroceder ou para avançar, para refugir para o passado ou para apressar a marcha actiosa do futuro.

Reaccionarios e liberaes do mesmo modo execram e abominam o presente.

O scepticismo não dá nem permite uma orientação determinada. E' a enfermidade cruciante e característica d'este periodo do seculo, e tem por diagnose um acerbo mau estar, um desapego nevrotico, um descontentamento febril, que se estende a tudo quanto existe. Por isso o pessimismo elevado, nos tempos modernos, a systema philosophico,

desde Hartmann e Schopenhauer até ao ultimo romance da escola realista, arrasta, como n'um turbilhão magnetico, milhares e milhares de melancolicos e de descontentes. Arraigase-lhes no espirito o convencimento de que tudo é frivolo e inutil, repulsam obstinadamente a idéa de que seja digno e primoroso afadigarem-se em luctas e trabalhos, para que o dever seja anteposto ao sabor e capricho das paixões, e, lustrando esta nefasta e dolente escola, teem já apprendido a desprezar tudo o que existe, como irrisorio, defeituoso e estéril.

O pungimento immanente que resulta da incerteza e da duvida, entenebrecendo o cerebro, cala todas as calorosas emoções do espirito, e apaga funestamente os lumes do mais modesto ideal.

Esta hypocondria social generalizou-se a ponto de invadir a litteratura, a arte, a philosophia, a politica, as relações economicas, a vida de familia, finalmente todas as fórmulas da

existencia. Não ha nada que fascine o espirito nem seduza e enleve o sentimento.

Affectam-se respeitos, simulam-se crenças, apparentam-se enthusiasmos, inculcam-se fervores, que não logram já deslumbrar ninguem. Só o interesse immediato e valioso é iman para effectuar estas fugentes e banaes conversões.

Nas refertas politicas, travadas entre os homens que dispõem das influencias que dá o mando e o poder, doestam-se, affontam-se e accusam-se estes nos parlamentos e na imprensa, para depois, com uma falsa e mentida longanimidade, que seria um escarneo publico se não fora uma torpe e ascosa devassidão, repartirem entre si os cargos mais pingues e lustrosos do paiz, thurificando sem pejo nem vislumbres de rubor os seus mais ardidos doestadores.

Esta exemplificação de decadencia politica, mal disfarçada com o irrisorio epitheto de tolerancia, é apenas um dos mais ligeiros symptomas da inanição moral.



As considerações que aqui vamos adduzindo, afigurar-se-hão a muitos de pouquissimo momento, dadas á estampa em Portugal. De feito, n'um só relancear assim parece. Esta orla de terreno á beira do Oceano, encravada por um dos seus flancos na Peninsula hispanica, parece fadada para viver vida descuidosa, longe das convulsões em que se debatem os grandes centros populosos. Paiz essencialmente agricola, desapossado do seu mais opulento patrimonio de alem mar, arredado das mais accesas pugnas do capital e do salario, pelas suas modestas industrias, e limitadissimos mercados — nada o convida, na sua imprevidencia e nativa indolencia, a occupar-se com

vivo interesse da remodelação social que o seculo elabora.

Ha como que um instincto, um impulso interior a dizer a esta sociedade portugueza, que só muito tarde chegam a echoar, aqui, os estos das transformações sociaes. E a historia, n'este ponto tão accorde com a inspiração popular, lh'o está indicando por esta arte. Os tentames emprehendidos pela coroa, em França, para unificar a monarchia, e tão arditosamente urdidos por Luis XI, só se iniciaram, em Portugal, no reinado de D. João II. Pela mesma fórma o esmaecimento da nobreza, debaixo da formidavel pressão do cardeal de Richelieu, sómente repercutiu aqui na memoravel administração do marquez de Pombal. A propria revolução franceza, que pelos seus levantados intuitos assombrou o mundo em 1789, deu-nos apenas uns fugentes clarões em 1820, adensando-se em seguida a mais caliginosa treva até 1833.

E ainda assim, força é dizel-o, tão lenta e

recortada por tão impervias sendas tem sido a marcha da evolução n'este paiz, que se não fomos um diminuto satellite, obedecendo a impulsos que não são nossos, e a expedientes precipitosos e extranhos, é provavel que esse foral desvairadamente appellidado Carta Constitucional, seria, até agora, o phantastico sonho d'um escasso grupo de illuminados.

Canto épico

Foi necessario que um pleito de legitimidade dynastica, surgisse no solio dos reis portuguezes, para que os epinicios, e odes olympicas dos Pindaros monarchicos reboassem nos horizontes da patria. E tão ephemeros e fugazes eram esses hymnos, tão pouco conscientes os brados e os jubilos dos athletas da liberdade, que pouco a pouco foi a coroa glosando a seu talante os artigos d'um codigo outorgado, e extendendo as ciosas prerogativas regias até transcenderem as raias, em que a soberania nacional passa a ser uma illusão. Demais, fora a liberdade, para alguns, mero

pretexto, com que occultos despeitos, revingaram um sem numero de paixões mesquinhas e mal disfarçadas ambições.

Houve homens que ^{purificou, deparou} acendreram as crenças no crisol do exilio e dos carceres, houve-os ^{- de paruta} que foram como gigantes na requesta da liberdade, outros vergaram sob o jugo de poderosas e nefastas influções, e não poucos os que se transviaram nos labyrinthos e meandros da politica dos cortezãos.

A burguezia salteou de improviso o logar da nobreza, habilitada em seu livre alvedrio para todas as carreiras da vida publica, deixando a vontade soberana, occulta por entre os poderes do Estado, manifestar-se a seu modo e guisa sem estorvos nem responsabilidades. Para as multidões é que não houve alteração, nem progresso que as illustrasse. Temos fé, que ninguem panegyrisará como virtudes constitucionaes, os actos de corrupção eleitoral, praticados por todos os governos, e que, como eschola de profunda immo-

ralidade, são a mais nojosa ulcera do parlamentarismo actual.

As populações ruraes, afóra os rapidos periodos de guerra civil, passaram do regimen dos Capitães-Móres, dos Corregedores e Juizes de Fóra para o dominio de auctoridades, que teem por escopo, em todos os seus actos, grangear votos para o governo de quem são delegados fieis e submissos mandatarios. E tão fecundo é este illustrado methodo de administrar justiça, que metamorphoseia em jubileu hebraico uma eleição de deputados.

D'estes processos politicos tão uniformemente seguidos, promanou uma perversão latente, que corroendo quedo e quedo o decoro publico, quebra animos vigorosos, e esvaece energicas e poderosas opposições.

Temos para nós, que de todas as liberdades publicas tantas vezes promettidas ás classes desfavorecidas da fortuna, e orfanadas de verdadeira educação e ensinamento, é esta desmoralização ininterrupta, doutritada junto

*Sacrifício
Anho, carnava
e combatata*

da urna, o unico fructo sazonado que o povo vae colhendo do regimen constitucional. Eivado d'este elemento morbido, que é como a base da organização social, facil é conceber como todo o organismo se resentiu d'este impudor das classes dirigentes, e como o caracter nacional se perverteu com a influencia permanente d'estes processos de governo. A plebe dos indoutos, sem orientação propria, nem o lume da consciencia, que ensina a propulsar perniciosos exemplos e ruins preceitos, acceitou como um melhoramento, na sua existencia tão cortada de fadigas e miserias, estas feiras eleitoraes, em que veniagam á porta dos templos os sycophantas da auctoridade.

Em sordidos repastos, que não são, de certo, os banquetes dos temulentos palacios de Luculo, vão depois as turbas eleitoraes commemorar a victoria dos seus amphitryões. E por esta arte se perde a noção do bem e do justo, e as sociedades fluctuam á mercê da insidia, da offegosa ambição, e da incapacidade.

apressadissima

*dele
da embri
agora*

«E' precisamente, observa Letourneau, nas epochas de anarchia moral, como a nossa, que a evolução corre pressurosa. De feito, rompem-se todos os inveterados estorvos, o espirito humano afana-se em demanda de novas sendas, ao passo que tremendos contrastes sociaes, supportados com maior impaciencia a cada hora, dão que pensar ainda á parte mais obscura, mais rude e mais selvatica do povo.

innata

Esta indifferença geral por todos os graves problemas modernos, de que apenas se occupam, aqui, alguns espiritos operosos, e que nós tentamos explicar pela incuria insita da sociedade portugueza, e pela nossa situação topographica, não deixa por isso de ser lastimosa em presença das estuantes questões que refervem nos centros industriaes — mas lembradas n'este momento historico, em quadra bonançosa e de ventos galernos, farão sorrir de desdem mais d'um politico — d'estes que tomaram por geraes da universidade ou pateos

(das escholas superiores, os claustros e esca-
leiras do palacio de S. Bento.

A viação accelerada e a rapidez de commu-
nicações, apertaram por tal maneira os laços
de parentesco entre todas as familias europeas,
que, hoje, o quarto estado reputa-se solidario
em todos os paizes, e acompanha com o mais
acrisolado e ancioso interesse as discussões e
refertas do proletariado. Todos os gravames,
todas as iniquidades, todos os soffrimentos,
expostos em qualquer região fabril ou agra-
ria, resoam immediatamente em toda a Eu-
ropa, e fazem estremecer milhões e milhões
de operarios.

Estes brados de miseria calam no animo de
classes inteiras, penetram na consciencia pu-
blica, e produzem esse trabalho de fermenta-
ção mental que hade germinar no futuro.



Occupando-se da *Evolução da Moral*, lembra um professor illustre, que a consciencia publica está sujeita a metamorphoses, a que obedece integralmente como qualquer typo organizado. Primeiramente, explana o lucido escriptor, dá-se a segregação — formam-se limitados grupos mui selectos, constituem-se em diminutas sociedades de innovadores, e por meio de discursos, escriptos e proceder rompem com os principios estabelecidos. Teem que affrontar, no começo, a opinião estas acanhadas tribus, e as mais das vezes o desprezo publico — porfiam, todavia, e reprue-lhes o alento a approvação dos seus correligionarios. Se a sua critica assenta em razões efficazes,

se reclamam uteis e justas reformas, lentamente se lhes vão associando neophytos, a selecção favorece-os, e o triumpho põe remate ao seu afan. E' detençosa a marcha, por que as propensões moraes modificam-se no vulgo com lenteza extrema — e não desconhecemos a causa, prosegue o eminente professor, por que, como pretendem obter modificações organicas, é mister demudar as impressões moraes, isto é, tal ou qual arran-jamento molecular, estabelecido ha seculos nos centros nervosos — tarefa esta que, certo, se não termina n'um dia, a evolução, porê[m], corre mais ligeira logo que actua n'uma nação ou n'uma raça, cuja moral está mais convel-lida e empannada. E' por isso que seme-lhantes phenomenos, irrompem sempre com vantagem desmedida em epochas de decom-posição social.

Na actualidade, esta alteração profunda a que allude o escriptor que citamos, é geral em toda a Europa — e nem Portugal se

lhe póde considerar extranho. São taes as modificações que se manifestam na nossa existencia politica e civil, que já muitas d'ellas vão desapppercebidas na vertiginosa carreira em que nos lançámos. Todas as relações d'um povo se resentem d'esta multiforme disjunção de todos os preceitos sociaes. Acabaram os respeitos publicos — simulam-se, sim — mas não existem no foro intimo, nem se rebuçam com graves escrupulos de apparencia. Só o poder, porque dispõe do cofre das graças e das prebendas, merece culto externo, e usa e abusa a seu talante de todos os seus servos, que se pódem appellidar legião. E tão offegante anda a turba dos mendigos n'esta incessavel subordinação, que não ha serviço por mais humillimo a que se não preste, nem baixeza a que este fetichismo não presida. As recompensas espadanam caudaes por sobre as phalanges dos que obedecem e lisongeam, e ensambenitados da honra, ficam sendo exemplo desprimoroso da corrupção publica.

A principio vogava esta avidéz insaciavel, vogava esta interesseira vileza ao lume d'essa escuma descorada, como diz Garrett, que anda ao de cima das populações, e que se chama a si mesma por excellencia a Sociedade. Mas pouco a pouco foram irradiando clarões d'estes pervertidos costumes por sobre todas as camadas sociaes, e a sua influença não achou ahi extremas que a demarquem nem deslindem. Uma sociedade que vae atravessando periodos incompletos de evolução, impulsionada por motores extranhos, e sem que o lume da razão a illumine nas violentas transformações a que a sujeitam, a despeito da sua inercia e passividade, força é que só lhe restem fezes dos estados anormaes por que perpassa, sem noção consciente dos estadios progressivos da civilização. E' evidente, pois, que Portugal, como as varias nações da raça indo-europea, menos apercebido do que quasi todas ellas, acha-se no pendor da evolução social, sentindo já todos os effeitos

intemperantes e desregrados d'uma decomposição antecipada e immatura. Não seria embaraçosa empresa, individuar factos que corroborassem o que temos expellido, queremos, porém, forrar este trabalho ao sabor de pamphleto ou a suspeitas de libello. Não traçamos philippicas, miramos mais alto — queremos estudar, n'este meio, a desenvolução das leis sociologicas. E pouco nos importam homens e partidos, por isso que temos a convicção profunda de que n'este estado de anarchia moral, e no meio de evoluções incompletas, para pouco serviriam actos de dedicação individual ou exemplos primorosos de amor civico. Não ha hoje individualidades illustres que se imponham, e, quando as houvera, seriam os seus esforços baldados e inanes as tentativas. As adulações apparentes são acompanhadas de desrespeitos que se disfarçam, e de actos de indisciplina e de insubordinação tão repetidos, que explicam as mais das vezes na sua reproducção, a marcha hesitante, sinuosa

(e illogica de todos os partidos. Demais, vejamos o que diz Tocqueville: «Eu penso que aos ambiciosos das democracias, preocupam-nos menos que a quaesquer outros os interesses e juizos do porvir. Entregam-se inteiramente e deixam-se absorver pelo momento actual: preferem o exito immediato á fama bem merecida.»

Não buscamos, pois, fazer a critica severa dos actos do poder em Portugal. Sabemos de sobra que tudo faz, menos governar, — obedecendo sempre a um sem numero de pressões, de influencias, de rivalidades, de suggestões e de caprichos, vive de expedientes, e não conhece outro preceito que não seja o opportunismo. E não sem reparo dizemos o poder, porque não entendemos fazer distincções onde ellas realmente não existem. Pondo de parte ficções e apparencias — para nós o governo significa o que na verdade é: todos os poderes da Carta enfeixados n'um só poder.



Na desenvolução das idéas que temos a expender, folgaremos que nos não acoimem de devaneador ou pessimista, e para espancarmos de momento semelhante epitheto, vamos ouvir Dietrich, n'um livro, lido na Allemanha com singular anciedade.

Depois de nos affirmar, que se escutarmos ás fronteiras das nações civilizadas, nas lufadas do vento, vir-nos-ha o sinistro ruido precursor de torvas tempestades, vae o mesmo escriptor individuando paiz por paiz, e em breves phrases desnuda cada um d'elles, expondo-os assim á nossa analyse.

Na Allemanha busca o socialismo convellir as bases do edificio politico e social, sem que

leis de excepção, estado de sitio, nem poderes discretionarios da policia o desviem um instante sequer na sua tacita e subterranea empresa. E apenas se emmascara com o anti-semitismo, á guisa de commodo pretexto para que se expandam paixões, que arreceariam desvelar a propria face. Aos pobres e ignorantes domina-os um odio extremo contra os ricos, ao passo que a mocidade devotada a um vago e inane idealismo, em phantasias exaggeradas e patrioticas aneia não só pela unidade politica da Allemanha, mas, tambem, pela unidade ethnica dos povos germanicos. Um mal latente cem vezes indicado, sem explicação que satisfaça, arremessa a cada hora milhões de individuos para alem do Oceano.

Crescem as turbas de emigrantes, offegosos cada vez mais em abandonar a patria, e precipitosos no intento, premem nos portos da Germania. Dir-se-hia uma formidavel hemorragia do corpo social, que nenhum tratamento estanca nem suspende.

*No fundo: o Império
como prin-
cipal*

Entre os partidos políticos, é a guerra de exterminio— a meia-edade e o poder regio lutam com os tempos modernos e com a soberania do povo.

Na Austria-Hungria pugnam dez nacionalidades, e afanam-se para se destruirem. Em cada provincia, quasi que em todas as aldeias, esmaga o maior numero as minorias. — Simulam estas submetter-se, irosas no fundo d'alma, e almejam pelo excicio do imperio, como meio unico de pôr termo a uma situação incomportavel.

Chegou a Russia a extremos em que parece tornada á primeva barbarie. Todo o sentimento de solidariedade vae perdido na administração publica. Desdenhados os interesses do paiz e do povo, só dos seus proprios curam os funcionarios — não ha meio que se lhes afigure torpe ou indecoroso, quer seja o peculato ou o latrocinio, muito embora se denomine extorção ou veniaga. Os homens ilustrados buscam no nihilismo a arma que

dá o desespero, aventuram mil vezes a vida para chegar, pela dynamite ou com o revólver, com o punhal ou pelo incendio, ao horrente chaos onde os seus delirios febris os levam, como sendo esse o meio indispensavel para conseguirem uma nova ordem social. Tentando a cura d'esta horrivel doença, recorrem os homens de Estado aos remedios mais extranhos. Vê um o termo d'esta pavorosa lucta na emancipação do povo russo, e no estabelecimento do regimen parlamentar; outro que só crê no asiatismo, reclama a suppressão das importações europeas, e a consolidação do despotismo hereditario e sagrado dos czares; aventa outro, crente na efficacia dos revulsivos, que melhor será declarar guerra á Allemanha, á Austria, á Turquia, a todas as gentes se tanto fôr mister. E emquanto semelhantes medicos lidam em demanda de elixir accommodado, lança-se a gentalha á rapina, ao salto e ao morticinio dos judeus — derriba-lhes casas, arrasa-lhes synagogas, ao passo que se lhe

*opra a Alemanha
agora*

vão os olhos nas moradas sumptuosas da nobreza. ■

Sem previo exame, afigura-se-nos apparelhada a Inglaterra para resistir a todos os lances adversos da fortuna, e irruinavel na integridade das suas instituições politicas. Mas em aturada observação sente-se tremer-lhe o solo, ouvem-se formidaveis e ameaçadores ruidos, e o edificio já decrepito, começa a esboroar-se pelas frinchas das suas muralhas.

O grande livro da Europa

EO clero, a nobreza de sangue e a dinheirosa, acham-se vigorosamente organizadas, e protegem os proprios interesses com a exacta noção do que lhes cumpre. Sujeita-se docilmente a burguezia ás leis, quer escriptas quer não, da classe que predomina, simula respeitos e ostenta convicções mentidas, protesta que só é decoroso e justo o que apraz a dez mil aristocratas, e apoda de absurdo e de irremissivel até, tudo o que encontra seus privilegios e proventos.

Desavindos com estes intuitos andam traba-

lhadores e operarios — exigem partilhas no capital e no solo; criam associações com programmas de vasto alcance, ameaçam juntamente a aristocracia e o throno, — e os que pretendem desvendar o futuro, observam no proletariado inglez presagios de temivel tempestade. E da Irlanda não falo, accrescenta o escriptor citado, por que ahi já a revolução economica iniciou a sua irresistivel marcha, entona-se já o homicido impune, e a pouco trecho, se o govêrno britannico não suffocar em sangue o alento popular, será o agro irlandez partido ao sabor do proletariado — exemplo este que incitaria cobiças na Gran-Bretanha, e em toda a parte.

Na Italia, uma realeza mal assente, tem-se a custo exposta ás vagas cada vez mais alterosas do republicanismo. Os cultivadores dos arrozaes da Lombardia e dos brejos inhospitos da Romanha, trabalhados com febres e comidos de dartros emigram em turba, ou se quedam em tão lastimoso estado, dão-se a in-

quirir da legitimidade dos titulos, com que os grandes proprietarios são senhores de vastos dominios, pagando-lhes seus suores com um escasso e ruim salario. Unificada a Italia, esvaeceu-se o escopo que alentava a mocidade, e é a «Irredenta» que forceja agora por lhe offerecer novo ideal. As angustias latentes do povo desvelam-nas no sul a Camorra e a Maffia, ao passo que o fanatismo religioso, e o christianismo communista primitivo denunciam-nas na Toscana.

E' de todos os paizes da Europa a França, que mais direito tem, n'este momento, a reputar-se em pleno vigor politico. Mas ainda assim, que diathese tão melindrosa não é a sua! — que morbidez não apresenta! Ouvem-se pelas praças e ruas das grandes cidades, oradores populares preconizarem com vehemencia a divisão dos bens, e o emprego do petroleo. Apparelha-se o quarto estado, ora tacito, ora ruidoso para se apoderar do governo, e expulsar dos empregos e das sine-

curas, do parlamento e das municipalidades a burguezia inteira, por que só ella, depois de 1789, logrou conquistar influencia e poderio. Os antigos partidos que presentem o fragoroso embate, tentam resistir-lhe; mas, timidos, sem esperança nem unidade, tramam em conluios clericas, monarchicos e militares.

E' inutil determo-nos a examinar os pequenos paizes, observa o ousado escriptor. O nome de Hespanha desperta logo a idéa de carlismo, e de cantonalismo tambem. Leva-nos a Noruega a cogitar na collisão entre o governo e a representação nacional — conflicto que tem em si a republica como o fructo encerra a semente. Tem a Dinamarca o partido dos trabalhadores ruraes e as crises ministeriaes chronicas, emquanto que a Belgica vive á sombra do seu ultramontanismo armado.

Todos os paizes, os fracos e os poderosos, teem cada um d'elles a sua ferida ulcerosa, e suppõem que os espera a salvação ou allivio ao menos, sacrificando, com uma ancie-

*tem a Monar.
que electem*

dade sempre crescente, milhões e milhões ao militarismo. Assim na meia-edade confiavam os grandes da terra, que a plena doação de seus bens á Igreja livral-os-hia de qualquer doença nojosa e cruel.



Quizeramos pôr termo a tão repetidas citações, para atalhar enfados ao leitor, mas os trabalhos de sociologia, sciencia por agora embryonaria, exigem longos inqueritos, e força é summariar, sem preoccupações nem preferencias, o que ácerca d'este assumpto vem a lume na Europa. Demais, carecemos de fundamentos para aventurar proposições, que a muitos poderão afigurar-se peregrinas e ousadas, embora sejam consequencia necessaria do que intentamos expor.

O livro a que nos temos reportado: *Les Mensonges Conventionnels de notre Civilisation*, veiu a lume em Leipzig pelo meado de novembro de 1883. Deram-se á estampa doze edições, acolhidas todas ellas com um ruido de apologias e de censuras, que a natureza do assumpto, e o arrojo da concepção explicam sobejamente.

Quasi todos os jornaes de alem do Rheno viram, n'este estudo, um dos mais individuan-tes symptomas da marcha da evolução politica, religiosa, social e moral na Allemanha. A multiplicidade das traducções abona-lhe o interesse e o alcance.

No agudo conceito d'este escriptor, o dissidio irreconciliavel de povos e governos, o odio dos partidos entre si, e a fermentação que leveda nas differentes classes sociaes, são diversas fórmulas da doença geral da epocha. Em todos os paizes é uma e a mesma a enfermidade— o nome só é que varia, chame-se-lhe embora nihilismo, fenianismo, socialismo, anti-semitismo ou *Irredenta*— a causa é apenas uma.

O phenomeno mais caracteristico, e não menos grave d'este estado pathologico, é o descontentamento profundo e a turbida melancholia, que, sem dependencia de vinculos nacionaes ou de quaesquer outros, e sem attentarmos em fronteiras politicas ou na situação social, enlutam a alma de todo o homem que se sente ao nivel da civilização contemporanea. E' este o diapasão da presente phase evolutiva, do mesmo modo que a calma e serena alegria da existencia é a nota typica da antiguidade classica, e a devoção credula e fervorosa assignala os primeiros seculos medievaes. Ha como que um máu estar, uma irritação nervosa que cada individuo sente, attribuindo este pungimento, se lhe não investiga a razão pela analyse, a mil causas accidentaes, e sempre erroneas.

E' arrastado, pois, quando as não condemna, a censurar acerbamente todas as manifestações da vida social.

Esta impaciencia, que as impressões exte-

riores a cada momento mais irritam e exasperam, appellidam-na uns nervosismo, outros pessimismo, e não falta quem a acoime de scepticismo.

Revezam-se, de feito, denominações e dize-res, mas o mal é um e sempre o mesmo. Nem ha já manifestação do espirito humano em que esta morbida turbação se não revele e patenteie.

Não ha duvida, observa Letourneau, que a humanidade anda na pesquisa de novas sendas por onde dirija a sua marcha.

Temiveis contrastes sociaes, supportados cada vez com maior impaciencia, dão já que pensar até ao mais obtuso entendimento. De mais sabemos nós, explana o eminente professor, que a milhões dos nossos contemporaneos escasseia tudo o que torna a vida toleravel, que, para elles, os venustos moldes d'esta civilização que tanto nos orgulha e desvanece, são tão proveitosos, como para o selvagem na soledade das suas umbrosas sel-

vas; que vivem e morrem em lobregos e sordidos antros, mais hediondos, mais insalubres e mais ascosos do que as cavernas e lacustres habitações pre-historicas, e todavia ouvimos, por exemplo, narrar, que um banqueiro americano despendeu meio milhão n'um baile, ou que outrem, só pelo acaso de ter nascido, é senhor de fabulosas sommas. Com tudo isto revolta-se em nós o velho instincto de justiça, legado pelas gerações que passaram, e entramos em profundas meditações. Muitas outras iniquidades, lembra Letourneau, outros muitos traços angustiosos das nossas sociedades contemporaneas pesam em meticulosas consciencias, e d'ahi promana o trabalho de fermentação mental que se manifesta no presente, e que ha de germinar no porvir.

Não é menos explicito Molinari discorrendo largamente ácerca da *Evolução Política*. Observa o notavel escriptor, que o poder, arrancado das mãos da classe superior pela burguezia, começa agora a ser reivindicado pelo

quarto estado, e não ousa duvidar da sua futura conquista. Esta segunda lucta, de que apenas vimos as escaramuças preliminares, em junho de 1848, e em março de 1871, annuncia maior alvoroço, ardidez e detença que não teve, de certo, a primeira, em consequencia do accrescentamento continuado e progressivo dos exercitos, do augmento dos opimos despojos que se cobiçam, e da contagiosa intensidade dos sentimentos impetuosos que os animam. Guerras exteriores e intestinas, convulsões politicas e catastrophes cada vez mais formidaveis, pelo successivo aperfeiçoamento dos agentes de destruição, hão de assignalar, talvez, esta nova phase da revolução, e avantaja-la-hão em grandeza e horror ás violencias da precedente. São para affligir, na verdade, as calamidades que estas luctas selvagens teem por uso carrear, e que mais opprimem fracos, e não poderosos. Mas que meio ha para as evitar? — se ellas são o producto da ignorancia e da cega paixão d'aquelles,

em manifesto

profecia que se cumpre

que teem tornado a revolução fatal e inevitavel: uns, conservadores, a quererem pôr estorvos á evolução que lh'o não soffre nem consente, outros, philanthropos e fanaticos a precipita-la, como se a impetuosidade podesse substituir a sciencia.

De todas estas considerações que temos compendiado, resalta o convencimento indubitavel e quasi unanime, de que as sociedades europeas caminham para uma grande transformação social.

Pode haver algum paiz, e ha, de certo, em que as crenças andem desvairadas nas classes superiores por cainhos e occasionaes interesses, ou pelo derradeiro despeito de qualquer facção, e onde a opinião publica se manifeste sempre com leveza, insuflada por solertes e professos arautos. Pode have-lo, tambem, onde os mais ponderosos e instantes problemas sociaes, economicos e politicos sejam pospostos, senão forem, ainda mal, ignorados, e em que a indiferença mais gelida e desdenhosa

seja a sorte que espere toda a lucubração, que não tenha por mira uma eleição de deputado, ou a investidura n'algum cargo rendoso. Ha sociedades assim. Vivem n'uma tão apparente e invejavel beatitude, que só lhes desperta a attenção, até ahi adormecida, um futil interesse local, ou uma rivalidade de ostentação e predominio. E' só n'estas contensões e discordias, que irrompe impetuoso o sentimento publico. Alem d'estes ephemeros clarões d'uma exaltação impotente, o viver é ledo e remansado — por isso que se satisfaz hoje uma ou outra ambição immoderada, emmudece-se accomodadamente amanha qualquer cobiça, ou acicalam-se em breves dias, com edificante paciencia, rijos attritos, e por esta arte attinge-se ao ideal do opportuismo.

Demais, em Portugal, vive-se na convicção profunda de que convulsões sociaes não ha razão para que se temam, por isso que escasseiam todos os elementos que as podem occasionar. Affirma-se que não havendo avultadas

industrias, nem numerosas povoações fabris, estamos ao abrigo de todas as reclamações do quarto estado, e longe de todas as exigencias ameaçadoras do proletariado. Imagina-se que as influencias das localidades dispõem a seu talante das populações ruraes, e que um sorriso do poder, uma recompensa do governo, um favor na interpretação da lei, ou uma satisfação da vaidade amaciam todas as asperezas, e apagam quaesquer resistencias. Veremos mais tarde que influencias são essas, o que é aqui o quarto estado, e que criterio podem ter essas fabuladas e phantasiosas affirmações.



Na segunda metade do nosso seculo manifestou-se, na Europa, uma d'estas correntes politicas, que, não sem motivo, foram já com-

paradas ás forças da natureza. Buscava-se a todo o transe a unificação das raças. E para se chegar á realização d'este pensamento, nas rarissimas discussões que tão ardente aspiração occasionava, protrahiam-se ou descuravam-se todas as causas ethnicas, topographicas e philologicas até, que por vezes se lhe oppunham — tal era o impulso a que todos obedeciam.

Que estas grandes agglomerações de raças, que estas poderosas unidades nacionaes seduzissem a democracia, concebe-se sem a menor hesitação, por que esse pendor de intentos foi o prenuncio das federações, que a evolução prepara, para um porvir mais ou menos espaçado. Este vehemente desejo era, pois, em si mesmo um vigoroso elemento revolucionario. Unitarios, com as devidas reservas federalistas, foram, em 1848, os republicanos allemães, e Mazzini não o era menos com pasmosa e excessiva energia. Deu-se n'este lance um phenomeno digno de reparo, e que

nos explica a acção ininterrupta das leis sociologicas. No seculo passado, foram os homens de Estado, a nobreza, os philosophos e economistas, que iniciaram as reformas onde vinha enfeixada a revolução de 1789, — em egual quartel d'este seculo, da idéa unitaria, suggerida pela democracia, apropriou-se com rara subtileza primeiro Cavour, e mais tarde Bismarck. Afigura-se, no primeiro relance, que esta ardilosa subtracção foi feita em detrimento das futuras revoluções, e em proveito das monarchias por então ameaçadas. Temos para nós, que não é esse o verdadeiro criterio na desenvolução da lei historica. Aqui, como no seculo passado, a iniciativa tinha de partir do poder, para que os povos não encontrassem, nas suas tendencias, estorvos ineluctaveis e fataes. Uma gravissima crise financeira obrigou a coroa em França, por esse tempo, a convocar os Estados-Geraes. Reunidos estes, constituiram-se em Assembléa Nacional, e originaram por esta arte a revolu-

ção — revolução que estava feita nos espiritos, mas que para ser uma realidade, para se consummar inteiramente, carecia d'este pretexto que lhe offerecia tanto a ponto o proprio soberano.

A primeira necessidade nas grandes federações é, que a unidade da raça tenha tal cohesão, e se consolide com tão extraordinaria robustez, que possa resistir a todos os embates extranhos, sem o grave risco de se desmembrar e desjungir. Para attingir a este estado de união imperturbavel, tem de passar pela unidade de governo antes de chegar á divisão dos Estados. As grandes monarchias organizaram-se na Europa extinguindo o feudalismo, e quebrando toda a influencia e poderio dos grandes vassallos. Foi depois de longos e demorados periodos d'uma intensa acção unitaria, que o poder se desdobrou em governos representativos, destruidas e apagadas já todas as influções e supremacias de classes. Para se conseguir, portanto, a au-

tonomia dos Estados, que será como que o feudalismo da democracia, n'um mais ou menos longinquo futuro, é preciso que a aggragação de todos os grupos de cada raça, tenha uma tão energica força de cohesão, que a torne infrangivel e indissolvel. Por esta causa, a incontestavel sagacidade de Cavour, e os superiores talentos de Bismarck serviram admiravelmente a evolução, sem que nos preocupemos aqui, se estes dois illustres homens de Estado, tiveram a noção justa e precisa das leis da historia a que obedeceram. Não a tiveram, de certo, no seu tempo, Richélieu nem Pombal. Cingiram-se apenas ás exigencias da instituição a quem serviam, n'um dado momento psychologico, e nem por isso deixaram de ser instrumentos d'uma precisão rara, n'aquella determinada phase da evolução. Assim Cavour e Bismarck, ludibriando o ideal da doutrina popular, chamando a si o principio da unidade das raças, e avocando ao throno os enthusismos desvairados d'uma aspiração nas-

cente, foram impulsionados pelas suas crenças, pelo seu meio social, e pelas circumstancias em que se acharam. N'este lance, sendo elles, em phrase biblica, a lima nas mãos do operario, serviram a ponto a lei sociologica. Não hesitamos em nos convencer de que idéas taes, não hão de achar em muitos boa acolhida.

«Ha uma curiosa anomalia na nossa intelligencia,» diz Charles Richet no prefacio d'um livro: *Da suggestão Mental*, por Ochorowicz.

«Para convencer alguém, continua o mesmo escriptor, não basta que um facto seja logicamente e experimentalmente provado, é preciso, tambem, que se tenha conseguido, por assim dizer, o habito intellectual d'esse facto. Se fere a nossa rotina, é repellido e desdenhado.

«E' isto que se chama vulgarmente bom senso. E' o bom senso que faz enjeitar todas as idéas novas e inesperadas, é o bom senso que regra o nosso proceder, e dirige as nossas opiniões.»

Ora, esse bom senso tão louvado, é apenas a rotina da intelligencia. O bom senso de hoje não é o bom senso de ha duzentos annos, nem o bom senso de ha dois mil. O bom senso de ha dois mil annos, era crer que o sol se move em volta da terra, e vae sumirse pela tarde no Oceano. O bom senso de ha duzentos annos era, que se não póde, no mesmo dia, dar novas para Pekin e ter resposta, ao passo que o bom senso agora, permite que ao mandar alli um telegramma, possa a resposta ir já paga para voltar logo a sua communicacão. Manda hoje o bom senso que se mantenha um exercito formidavel, composto d'um milhão de soldados, e de cinco milhões de espingardas. Porventura d'aqui a dois ou tres seculos, não hade parecer este bom senso um absurdo descommunal?

As conquistas feitas e mantidas pela força, no seculo dezenove, não são para cobiçar. Ensinanos a historia — a grande consoladora

dos vencidos de um dia — a historia que os italianos aprenderam a ler com Machiavel e Mazzini, ensina-nos ella, que só ha duas especies possiveis de conquistas: a que traz ao vencido uma civilização superior, como foi a conquista romana, e a que é feita por uma raça nova em menoscabo d'uma raça decadente, desunida e corrupta, como aconteceu quando os barbaros fundaram os reinos italianos e godos, e quando os turcos occuparam Byzancio.

Afigura-se-nos, pois, que o destino de Bismarck feneceu com a unificação da raça germanica. E se o grande Chancellor, na allucinação do triumpho, se reputar arbitro da Europa, quando é apenas um mero instrumento da evolução, se, terminada a sua missão, succumbir á vertigem napoleonica, e se arremessar aos turbilhões de fogo e de fumo, para encontrar a gloria, que já o não pode buscar, deixará aberta após si a cratera do formidavel vulcão que lavra latente na Alle-

*e foi assim,
por parte de
Lado*

manha, e que se appellida com o mysterioso nome de socialismo. Com este virá tambem a colligação das raças latina e slava, ameçadas simultaneamente pelo germanismo, a anarchia resultante das grandes massas armadas pelos prodigiosos esforços do militarismo, e mais tarde a revolução do imperio, para assentar as bases da futura federação germanica.



Nos annaes dos povos lemos, que os conquistadores trazem consigo a expiação e o castigo, se buscam o proprio triumpho, o contentamento da sua ambição, sem attendem ás leis historicas que regem a humanidade.

Sem irmos ao seio do Oriente — esse berço phantasiioso das mais fabuladas lendas — sem

*profecia
cumprida*

*falta ver:
cumprida*

nos determos nas torvas e sombrias epochas medievas, onde o christianismo mal continha a fereza e barbarie de tão extranhas gentes, avizinhamo-nos mais. Vejamos Carlos V, senhor de reinos e reinos onde o sol não tinha occaso, ostendendo então o seu imperio a hegemonia entre todas as nações, e onusto, ^x elle, de thesoiros e laureis. Consideremos depois o successor de Joanna, a Louca, com a demencia herdada, assistir ás proprias exequias, e legar ao filho a execração publica, as guerras civis, o empobrecimento da Peninsula hispanica, e a desaggregação de todas as forças vitaes de vastissimas regiões. Em seguida, coube em partilha á França a dictadura europeia. Era de Versailles, d'esse sumptuoso monumento da vaidade humana, que a voz potente de Luis XIV inspirava os reis. Homens de Estado, homens de guerra, homens de letras, principes e soberanos, todos se curvavam e mendigavam mercês e favores, ao supremo arbitro dos destinos do mundo. Não foi a fas-

cinação detençosa. Apressaram-se os revezes, e logo as desgraças e accidentes funestos não encontraram limite. Arderam as guerras sem repouso nem treguas, esvaeceu-se aquelle poderoso deslumbramento, pouco a pouco sumiu-se no tumulto a familia real, a legitima, deixando o velho monarcha a sós, no recesso dos seus palacios, com a nefasta viuva do poeta Scarron, correram rumores sinistros de envenenamentos repetidos, sussurraram-se torpezas inenarraveis, e ao passo que o Tacito d'aquella lugubre decadencia, o duque de Saint-Simon, cinzelava em bronze as horas amargas d'uma tão longa agonia, encerrava o duque d'Orléans o ultimo periodo d'esse reinado, rasgando o testamento do homem, que nada suppunha superior á sua vontade. Estava, porem, a França destinada a maior calamidade. Plasmou-lhe a evolução um novo heroe, e modelando-lh'o em formas colossaes, viu a Europa com assombro o general Bonaparte, depois primeiro consul, e em seguida

imperador Napoleão. Os fastos do imperio foram a principio a epopéa do genio. Estremecia o solo debaixo dos pés d'aquellas hostes aguerridas, que em cem batalhas proclamaram a gloria das Gallias. Mas quando o despota imperial, surprehendido pelas vertigens que dá o poder quasi omnipotente, quiz guiar-se pela sua propria phantasia e orgulho, soou a hora da expiação, e de queda em queda, de tombo em tombo, precipitado da culminação onde assomam os conquistadores, veiu resvalar a Waterloo para baquear e desaparecer em Santa Helena. Que affrontosas antitheses são estas!

Assim passaram na terra Carlos V, Luis XIV e Napoleão.

Que resta hoje d'elles? dos seus desvarios, das suas luctas, das suas glorias, e das suas ambições?

Resta apenas o que era mister que ficasse: o impulso que deram, inconscientes, á desenvolução da lei historica.

E' lastimosa a sorte dos conquistadores. Quando triumpham, vão deslumbrados na inconsciencia da sua missão, e terminada esta, como o Ashavero da lenda, não podem quedar inertes, arrasta-os como que uma força mysteriosa, que lhes não dá detença nem repouso. Ha como que um impulso intimo que os arroja para o desconhecido. Conquistaram — pois hão de continuar a conquistar. Contemplaram as ruinas, os desastres, e as inclemencias da guerra; attentaram nos gritos dilacerantes, nos gemidos afflictivos, e nos montões de cadaveres que juncam os campos de batalha; meditaram nas cruezas que sofrem os povos, na desamparada miseria que invade todas as regiões onde perpassa o açoite da guerra, nos campos talados, nas familias orfanadas, e na fome que vae pungir milhares de populações desoladas — pois não hão de attender nem a exemplos, nem a ponderações, nem aos brados da propria consciencia, impellem-nos deslumbrosos sonhos

é bello

a quererem mais e mais a lucta, porque phantasiam n'esta funesta induração novas conquistas, e teem de morrer a conquistar. A licção é tremenda, e seria inutil se a raça dos heroes podesse perpetuar-se. Bonaparte tinha até phrases sarcasticas e brutaes, que revelavam de sobejo a mais profunda immanidade.

E', porém, este delirio da guerra e da conquista, que melhor serve, e mais serviços faz á evolução. Se os imperios se mantivessem e se fortalecessem em perpetua paz, abandonando todas as suggestões d'uma louca ambição, e enfreado todos os devaneios de novas annexões, haveria como que um longa pausa, um tardio repouso, que as leis sociologicas não podem consentir. E' necessario, portanto, que os conquistadores, inebriados e insaciaveis, desvendem de continuo novos horizontes á sua infrene cobiça, e que pelas suas mãos preparem a ruina da propria obra.

Que seria das conquistas da sciencia, das artes, do commercio e das industrias — que seria das maravilhosas e incruentas conquistas da civilização, se a força brutal, se a fezeza e inhumanidade da guerra prevalecessem e preponderassem?

A invasão armada pode avassallar, pode subjugar, pode opprimir, pode exterminar até — já assim reinou a ordem em Varsovia. Mas o que não podem fazer nem a metralha nem a dynamite, nem a conquista armada nem a revolução raivando nas praças, nem imperadores nem anarchistas, é inverter principios, demudar sentimentos, ou afeiçoar cerebros a uma nova ordem de idéas. O foro da consciencia é o recesso, o adyto onde se guardam os thesoiros das crenças, e onde se mantem acceso o lume da fé, para consolo e lenitivo dos que soffrem. Ahi não chega a espada do vencedor. Quiz Deus que a intelligencia humana se entone altiva, e possa medir desprezos com os algozes. E quem sabe

se o proprio ferro, com que o quarto estado é ferido n'estas violentas annexações, não ficará temperado para vindicar o direito com que elle, em temerosas explosões, tenha de dar fim á sua longa menoridade.

As guerras do primeiro imperio napoleónico foram a propaganda armada da revolução. Não era esse o intento de Bonaparte, nem podia sê-lo. Napoleão foi um inimigo convicto da liberdade. Os despotas detestam a luz. Mas, mau grado seu, para os povos, a França não representava o despotismo — a França era e é o symbolo da democracia.

Se este seculo tiver de se encerrar com as devastações e ruinas que acompanham as conquistas, se terminar como começou, as delorossissimas vantagens d'essas nefandas luctas, não as hão de colher, de certo, os vencedores. Instrumentos imprevidentes vão elles rompendo resistencias, e rasgando obstaculos, que mais tarde só hão de aproveitar á civilização.

Esta perspectiva d'um progresso illimitado é o ideal dos tempos modernos — fortalecidos com esta nova crença, que nos ampara e protege constantemente, podemos ter o animo temperado para as mais rijas e varonis provações.



Appellidamos ideal dos tempos modernos esta fé viva no progresso, e no constante desenvolvimento das gerações que hão de vir — mas não ha n'isto macula de irreligião, nem por tal nos acoimem de proferir palavras blasphemias.

«Aquelles que crêem diz Spencer, que a sciencia esvanece as crenças, ignoram, de certo, que tudo que ella pode roubar de mys-

terio ás antigas exegeses, ministra-o e accrescenta-o ás novas interpretações. Com mais verdade ainda se poderia dizer, que, passando das antigas para as novas, torna-se o mysterio mais impenetravel e profundo. De feito, a uma explanação que rompe galas de provavel, substitue a sciencia outra, que apenas nos conduz mais longe, para nos pôr de rosto com factos ainda mais inexplicaveis.»

«Considerado por um certo lado, é o progresso das sciencias uma transfiguração gradual da natureza. Em tudo que na percepção commum tomava aspecto de mera simplicidade, revela o progresso uma complexidade desmedida; no lugar em que parecia reinar a inercia absoluta, descobre-se uma intensissima actividade; onde se julgava existir o vacuo, veio o progresso desvelar-nos prodigiosas combinações de forças.» *e de materia impenetravel*

E depois de todas as formosissimas paginas, em que o muito saber do eminente escriptor, esplende aos lumes da sua não vulgar

intelligencia, termina com estas primorosas phrases: «Do seio d'estes mysterios, que tanto mais obscuros se tornam quanto mais fundo os vai sondando o pensamento, surge a certeza absoluta, e é esta: que estamos sempre, nós todos, em presença da ^{Energia} Força infinita e eterna d'onde promanam todas as coisas.»

Afigura-se-nos que se exalta a religião, quando as crenças veem depuradas pela analyse scientifica, e que a sciencia, nas suas fórmulas concretas, opulenta e engrandece a luminosa esphera do sentimento. De todos os selvagens são os mais incultos, que menos encantam e menos surprehendem os extraordinarios productos das artes modernas. A sua indifferença é tal, affirma um escriptor, que d'ella pasmaram viajantes e exploradores. E' que sempre caminhou a par o progresso dos conhecimentos, com o accrescimo de aptidão para admirar, e só os espiritos d'uma rara lucidez sabem pensar e sentir, por vezes, o que ás intelligencias inferiores é vedado conceber.

Demais, não ha meio de suspender o desenvolvimento da humanidade. A sua marcha é uma das leis da criação — nem as sociedades obedecem a principios distinctos d'aquelles que regem todo o universo. Não podemos nem retroceder nem parar. Nenhuma força humana, opina um illustre escriptor, pode resolver o espirito do homem a renunciar ás verdades adquiridas. E' este o resultado da desenvolução natural. Mais feliz do que o adulto é, de certo, a creança na sua ignorancia e irresponsabilidade completa. Pode o homem, o velho mesmo, sentir as mais pungentes saudades das horas que vão passadas dos seus deleites juvenis, mas, uma vez decorridas, perderam-se para sempre, sem que haja esforço de vontade que de novo as faça surgir. Não ha possibilidade nenhuma em transformar o homem de agora, o homem de hoje em dia, no que viveu ha mil ou dois mil annos. Não se julgue, que as verdades scientificas nasceram improvisamente, e que por

*negação do
retrocesso e
do emborçamento
tempo*

acaso, tambem, podiam não ser sabidas. Trouxe-as a maturidade das gerações. Foi-as achando a civilização quando attingia a certos graus de desenvolvimento. Não ha duvida que se lhes pode retardar a descoberta e a divulgação, pode-se talvez acelerar esta, ainda que tão verosimil não pareça; mas o que se não pode nunca, é impedir constantemente qualquer descobrimento ou a proclamação de novas verdades. Recommendar ás sociedades actuaes que se dirijam pelos principios já decrepitos, e pelas instituições que caducaram, é como se propozessemos a um homem de avançada idade, que voltasse aos annos sorridentes e esperançosos da primeira infancia. Ainda mesmo que a humanidade se considerasse mais feliz, quando, entregue a grosseiros erros e á mais torpe superstição, arrastava uma monotona existencia na primeva ignavia da vida, nem por isso volveriam esses descuidosos tempos, e é tão inutil como insensato desejar que recomecem. Nem o homem pode hoje velar

os olhos aos esplendores da evidencia, nem hypnotizar o cerebro para todo o sempre. Descerradas as aptidões que embryonarias encontrou em si, ha de forçosamente applica-las e desenvolve-las, porque formam já parte do seu ser, do seu proprio organismo.

Feita a luz nas circumvoluções do cerebro, não ha arrancar de lá o pensamento. Tenta-lo, seria não só pungitivo e afanoso: seria insano e sacrilego. «O opportunismo, tão propagado hoje, lembra um erudito escriptor, arreceia-se das soluções francas e sinceras, quer dissimular com a humanidade, avida de conhecer a verdade, e na lucta entre o passado e o porvir, entre as antigas fórmulas e as modernas, protege as primeiras sem affrontar estas. E' conjunctamente o mais destro e cruel inimigo da raça humana e da moral».

A sciencia, alem de desenvolver o homem, aperfeiçoando-o gradualmente, alem de lhe rasgar a cada hora novos horizontes ao pensamento, alem de lhe purificar as crenças no

crisol da analyse, faz mais: quebra-lhe o estulto orgulho da sua phantasiosa superioridade, abate-o e deprime-o em presença dos seus mais logicos raciocinios, arrasta-o a humilhações não sonhadas pelo mais ardente ascetismo, leva-o á confissão explicita da imperfeição dos seus sentidos, e dos limites onde fenece a sua intelligencia.

Houve um dia, em que o homem suppoz a terra immovel na amplidão do universo, e centro do movimento de todos os astros. Veiu a sciencia, e demonstrou-lhe que o globo terrestre é um pequeno planeta, arrastado nos seus movimentos por outro corpo celeste, girando no immenso espaço que milhões de sóes povoam e esmaltam.

Appellidou-se depois rei da criação, e desvaneceu-se com a crença de que a terra fora modelada a seu aprazimento, e para satisfação sómente das raças humanas. Ainda a sciencia, que nada tem de cortezan nem lisongeira, lhe veiu ensinar, que este globo é tanto

o logar da sua residencia como é o habitat do ultimo infusorio.

As observações telescopicas, e a microscopia em analyses mui lidadas, emmudeceram-lhe as roncadas e a vaidade.

Confiou depois na immortalidade do nome legado á posteridade, na admiração perennal dos vindoiros, e no enthusiasmo ininterrupto das gerações que se acham envoltas nas brumas do futuro.

Ainda ahi a sciencia o desimaginou implacavel — tambem é epithema o desengano. A paleoethnologia, a archeologia, a ethnologia, a linguistica, a glottica e o mythismo vieram mostrar-lhe como as sociedades passam na terra, obliterado as mais das vezes o renome ou fabulados os successos. A interpretação dos hieroglyphos por famosos egyptologos, e a revelação da escripta cuneiforme, devida aos modernos estudos de illustres orientalis-tas, levaram mais longe a decepção. E para que o deleitoso erro se dissipe totalmente, in-

cide hoje a sociologia, e as ultimas hypotheses ácerca da probabilidade de duração e acabamento da existencia terrestre.

No meio d'estas desillusões incessantes restava-nos um refugio consolador: era a confiança nos nossos proprios actos, a posse voluntaria das nossas concepções e desejos. Mas parece agora que nem essa tranqueira é um refugio ou um asylo. Estudos recentissimos de psychologia physiologica, observações scientificamente repetidas de hypotismo, de estados analogos, e de suggestão mental abrem a senda a experimentações maravilhosas, indicam apenas horizontes infinitos de novas noções, e deixam por agora absortas muitas das primeiras illustrações do mundo scientifico.

Assim vão os factos descarnados e irrefutaveis da realidade, apagando pouco a pouco os doirados sonhos da phantasia.

Ainda aqui vem a sciencia desvelar-nos brutalmente a consciencia, sorrir-se com desdem d'esta nossa superioridade intellectual e

consciente tão afamada, e deixar-nos antevêr, que sendo as idéas talvez sensações cerebra-
lizadas, fontes unicas estas das idéas primitivas, só as acções reflexas obtidas por este meio, e o mundo externo, reduzido para nós a sensações, representam todo o cabedal do nosso cerebro.

Deus sabe que interminavel numero de decepções ainda nos espera. Podem estas ponderações levar-nos a bradar: é tudo vaidade, como affirma o Ecclesiastes — e é a sciencia que ahi nos encaminha. Não taxemos, pois, de impiedade a fé viva no progresso, que é uma das esplendorosas leis da criação.



Parece que as raças humanas não sahiram, por em quanto, do seu periodo de infancia e de educação primaria. De feito, pensa Moli-

nari, nas sociedades mais avançadas, existe apenas uma crusta superficial de civilização. E' entre os homens illustrados, e só no seu limitado meio, que se debatem os graves problemas sociaes, e ahi mesmo são sómente os pensadores, os lucidos cultores da sciencia, que se occupam d'esta ardua e espinhosa tarefa. Os que se alcunham de estadistas teem, em regra, a preocupação dos expedientes, que é a politica da sua propria conservação no poder. Das oligarchias parlamentares diremos, que, na incessante tensão da sua avidez, só lhes sobram desdens e esquivanças para refranear com asteismo e motejar dos que suspeitam, que para mais foram nados do que para andar-lhes em almoeda a consciencia. A sciencia só se revela aos ascetas, aos que lhe rendem culto reverente e respeitoso, aos poucos que a uma ascése ferverosa juntam um ardente mysticismo. Como no christianismo, são estes ultimos os vasos de eleição, e como em muitas das legendas bollandistas,

*ironia da
licada*

*principio de
grandes filosofias
letas*

*asceta, que se consagra exclusivamente a exercicio de
sua vida, passando a vida em mortificações e orações
misticismo. Opinião religiosa ou filosofica que ad
muito a communicação. Secreto entre o homem
e a divindade*

bollandista do jesuita Bolland, qui começou uma vasta galeria de vidas de santos, cuja continuação se cognominou bollandistas

são por isso as mais das vezes os corridos e humilhados.

Só as theorias que tem applicação ás indústrias e ás artes entram na corrente geral dos conhecimentos, vulgarizadas nos seus methodos, formulas e manuaes. Mas o labor mental, tanto na parte especulativa, tão improba e vasta, como no campo das experimentações e exames pelos processos modernos, esse conserva-se velado ás multidões como o novo mundo, antes do descobrimento de Cabral, de Colombo e de Vespuccio.

Ha como que um abysmo que separa os povos dos arcanos da sciencia: é a ignorancia. Ignorancia que avassalla ainda as extensissimas populações ruraes de toda a Europa. O fetichismo e paganismo, mal disfarçados n'uma tosca, boçal e nojosa devoção, expandem-se por todos esses valles arrelvados e inferteis e aridas chapadas, patenteando extranhos preconceitos, prevenções mal desbravadas, e abusões radicadas por supersticiosas praxes.

Quantas tradições oraes e estolidas narrativas de visões medonhas, almas penadas, espectros teríficos, moiras encantadas, feiticeiras más, e horrentes lobis-homens, não vão de bocca em bocca espavorir, nas longas invernias, o rude aldeão ao seroar á lareira. E a par d'estas fabuladas e phantasiosas narrações d'um pernicioso effeito, subsiste uma analgesia moral, que tolhe ao inculto trabalhador toda a actividade cerebral. Reproduzem-se as gerações legando apenas ás que lhes succedem, o cabedal herdado das mesmas acções reflexas, eguaes pavores e abusões seculares.

Ha hoje, como ha mil annos, a treva da noite no cerebro dos nossos jornaleiros campezinos.

«As diligencias empregadas para favorecer o operario das cidades», diz um escriptor portuguez, «não tem ponto de comparação com o abandono a que é votado o operario dos campos: lá, morre as mais das vezes sem que o medico chegue a visita-lo, na cidade tem

hospitales e monte-pios; lá, os seus filhos ficam entregues á Providencia enquanto elle vae trabalhar para os campos, na cidade as creches encarregam-se de os vigiar e sustentar; lá, as escholas são raras, na cidade abundam; lá, é que o recrutamento militar faz a sua mais effectiva colheita; lá, não existem domicilios incertos com que se fuge ao pagamento das contribuições, por que a humilde choupana ou a limitada courella é logo executada; lá, trabalha-se o anno inteiro e folga-se em um ou dois dias de arraial, mas não ha theatros baratos, os passeios publicos, o espectaculo permanente das ruas da cidade, a facilidade das diversões, que são um bem para o espirito, e uma conveniente alternativa das horas de trabalho».

A emigração e o recrutamento, por uma selecção funesta, arrancam das granjas e dos villares os mais perfeitos e mais robustos cultivadores, deixando por desbravar as selvas, e as brenhas por desmoitar nas mãos dos de-beis, dos velhos e dos invalidos.

Uns, profugos dos patrios lares, vão além mar, e d'elles os que escapam á morte, regressam á patria remediados de bens de fortuna, mas com o organismo quasi sempre arruinado. Outros, afeitos aos ocios da fileira, terminado o serviço militar, perdem o amor aos campos, renunciam de todo a vida rural, e abandonam com esquivo desamor o tugurio que lhes foi lar.

Uns e outros, emigrantes e reservistas, ou *re* dóvotados a especulações mercantis ou entregues ao remansado e ocioso viver das casernas, grangeiam apenas uma educação banal ou permanecem na rudeza nativa. E como esses factos se repetem com uma pertinacia ininterrupta, é detençaosa nos campos a marcha da evolução, e tão vagarosamente caminha, que apesar da limitada cultura do proletariado, assim mesmo não é confragoso extremar o jornaleiro do operario. Os que são aptos, válidos, robustos e prestimosos, consumidos de enfado e acédia, e amargura-

arduo, defal
ou acédia - enfado e acédia - fraqueza física
ou intelectual.

dos pela vida fadigosa, miseravel e desamparada da nossa agricultura, buscam nas cidades, com a apprendizagem de qualquer industria, sustento parcimonioso e exigua educação. Não admira, pois, o atrazo, as superstições, e a ignorancia que grassam nas povoações onde a civilização não poude até agora penetrar. Outra circumstancia ha, e não menos momentosa, que influe com intensidade extrema n'este estado morboso dos nossos aldeões. E para explana-la, na ordem das ponderações em que vamos, não podemos emmascarar vicios com appellidos honrados, embora não queiramos, por que não somos prono ao mal, inquinari a fama, nem o renome do mais humilde logarejo da patria. Mas cabe-nos a todos nós alguma parcella de responsabilidade, no modo por que descuramos os interesses vitaes das nossas provincias — seja-nos por isso licito lavar toda a roupa suja no brejo commum, e que o estendedoiro, em que nos pese, seja aprestado n'este modesto estudo social.

inclinados

*laminado,
fantasma*

E' certo que se a classe media em todo o paiz, longe dos grandes centros de população, fosse de grande exemplo nas granjas e povoados, teriamos ainda um vivo lume para encontrar as demasias da rudeza, a despeito dos constantes males d'onde lhes promana o seu obscurantismo. Infelizmente as classes superiores não procedem assim. Afóra algumas centenas de homens, disseminados por aldeias, villas e cidades, que n'um aturado estudo buscam não sabemos se prazer se consolo — afóra esses, a indiferença por tudo quando demanda esforço mental é por tal forma lethargica ou reluctante, que não deixa lampejar a mais tenue esperança de lhe pôr termo. Chega-se a descreer que haja meio, galvanizando-a, de convulsionar essa assombrosa apathia. Em tão lastimosa situação acontece o que facilmente se prevê. O absoluto repouso cerebral, obtido por atavismo, por influencias mesologicas, e não contrariado por qualquer instrucção medianamente proveitosa, deixa aos sentidos uma

liberrima tensão, e por isso a tavolagem, o alcoolismo e a gula dão a descarga de toda a energia nervosa, n'aquelles organismos onde as perdas cerebraes são insignificantes e diminutas. Vem, pois, vicios e maus habitos encher o vacuo das horas de enfadamento — nem é para extranhar, que na constante ausencia de toda a elaboração mental, o abhorrecimento, e o tedio d'essa fastidiosa ociosidade se traduzam em factos, que não enunciam, em verdade, nem ensinamento, nem licção.

Esse indifferentismo a que nos referimos, e que é como que um estado pathologico da sociedade portugueza, observa-se com mais attenção e minudencia nas cidades e villas das provincias, porque nas suas estreitas areas e escassas populações, sente-se momento a momento o viver de todos, e por isso todos são espelho e exemplo de cada um. O movimento da capital é mais operoso, e largo o espaço em que seus habitantes andam esparzidos. Lisboa, caes do Oceano, como podera ser o

caes do mundo, impulsionam-na sempre as novas do estrangeiro — á semelhança das tempestades do Norte, que vem bramindo até aos escarpados rochedos da sua extensa costa, assim os estos do mar lhe sussurram o clamor longinquo das revoluções populares. A concentração aqui de todos os altos cargos, a residencia do corpo diplomatico, a diversidade das escholas, das estações publicas, de muitas associações, e a séde do parlamento emprestam-lhe apparencias de vida activa e actuosa, que a dessemelham de todo o paiz. Lisboa fôra reconstruida e remodelada para ser o emporio de todas as nossas conquistas, quando estas pela sua vastidão e riqueza eram o assombro e a cobiça do mundo inteiro. Hoje não é mais do que o simulacro da feneçida grandeza commercial, e despojada do seu immenso poderio, jaz adormecida nas margens do Tejo, como Veneza, a sua rival, lastima no Adriatico ver-se viuva dos seus magnificentes doges.

A descentralização administrativa não pode isoladamente, sem muitas outras medidas simultaneas, transfundir energia onde não existe actividade nervosa. Não é facil, nas nossas provincias, debellar esta frouxeza, que se caracteriza por um scepticismo inconsciente, affirmado já em tristes locuções como: *deixar ir*, *deixar correr*, e no mais insano *não se me dá*, ao passo que vão porfiando sempre os bufarinhos politicos, no seu pregão rouquenho de amor da patria, e de liberdade. Era para tonificar as populações ruraes, que se carecia da acção immediata das classes superiores, nos pontos onde estas residem, e onde poderiam prestar serviços de grande monta, pela sua influencia e superioridade relativa entre o proletariado. Mas as considerações que nos occorreram, quando apreciámos a situação actual dos nossos campos, não nos deixam, mau grado nosso, a menor sombra de illusão que venha enturvar o que pensamos.

O estado inculto d'aquelles espiritos, e a

indifferença que lhes proporciona a sua ignorancia, são por agora uma garantia, para muitos, de paciencia em face da miseria, e de resignação no meio das suas amarguras. Mas se-lo-ha sempre? Não reagirão nunca? Dar-se-hão em todos os eventos a mesma serenidade e a mesma mudez, sem queixumes, nem um brado ao menos de extrema angustia?

Ainda que ermos de instrucção, não vivem os jornaleiros portuguezes nos inhospitos sertões da Africa. Ha novidades que atravessam rapidamente longos espaços. Contam-se lendas de noticias dadas em incommensuraveis distancias a breve trecho dos factos succedidos.

«Têm azas todas as novas tristes, diz Frei Luiz de Sousa, para chegarem voando onde mais hão de maguar.» Cremos que as novas proveitosas não correm com menos velocidade.



A questão agraria, sendo a base de todas as reclamações, e o intento primordial de toda a agitação na Irlanda, tem produzido lances embaraçosos á Inglaterra, e é a dor cruciante dos seus governos. Nem politica de repressão por mais cruel, nem programmas de tolerancia por mais benignos, podem já obstar a que tenha um desenlace sinistro para a Gran-Bretanha, a situação tensissima do povo irlandez.

A Irlanda, paiz de lendas, de balladas, e de poetas, nação que traz por emblema uma lyra de oiro quebrada, terra em que a facundia e arte especiosa do dizer é dom genial, com que a natureza, como se fôra fada, a pren-

dou em profusão, a Irlanda, a seductora Irlanda, é artista. Chega-se a cair na tentação de pensar, que a triste vidente se compraz, na sua soledade, com as próprias desditas — tão melodosos são os seus cantos, tantas harmonias se escutam ao resoar dos grilhões com que a algema a Inglaterra, tão senhoris e elegantes são os requiebros, com que suavemente poisa na fronte a lancinante coroa de espinhos. Ao irlandez esplendem-lhe as faces, quando canta as plangentes estrophes de Thomas Moore gemendo o martyrio da patria. Á Irlanda deliciam-na talvez as suas maguas, pela poetica eloquencia em que a levam absorta. Mas quer ser livre, e não haverá meio que não empregue, para arredar de si a fome e a miseria, que a pungem e endoidecem. Ha um homem que representa hoje a Irlanda, e que ella adora com todo o fulgor das suas crenças. E' Parnell. Terá elle aproveitado, como o accusam, os serviços dos *boycotters*, dos sectarios da dynamite, e dos

sicarios de toda a especie, que pretendem er-
guer a independencia do seu paiz sobre char-
cos de sangue? Quem poderá denega-lo? A
verdade é que jámais os renegou. Bastaria
uma palavra sua — uma só, para suspender o
braço dos «invenciveis» ou dos *moonlighters*
— essa palavra nunca a proferiu. Os milhões
que, graças ás suas relações de familia, colheu
na America para a causa da emancipação ir-
landeza, provieram — sabe-o elle — do partido
em que a nitro-glycerina passa por ter as magas
virtudes d'um evangelho politico.

«Sois um partido de assassinos», clamava
uma noite Forster, o ex-secretario de Estado
pela Irlanda, desvairado, no meio d'uma vio-
lenta tempestade parlamentar. Parnell, in-
tremulo e sereno, deixou raivar da affronta
seus moços collegas, entregues aos estreme-
cimentos d'uma calorosa indignação. A pouco
trecho ergueu-se, e todos os olhos se pendu-
raram n'aquella fronte apollinea — e elle, cal-
mo e imperturbado o rosto, sobrio no gesto,

com voz vibrante rompeu n'uma incisiva ob-
jurgatoria, em que as phrases lhe rebentavam
da bocca tersas e aceradas como laminas de
Toledo, e iam uma a uma, afiadas e ultrajo-
sas, dar de gume no coração de Forster. Não
se lhes descerraram, porém, os labios para ir
direito á accusação. E tão mudo foi n'este
ponto, que, ao sentar-se no expirar da ultima
palavra ainda fremente o auditorio, não ma-
ravilhára se os assassinos o tomassem por
um dos seus.

E' prodigioso hoje o seu prestigio na Ir-
landa, e não menos assombram os seus po-
tentes esforços. O que o ardido e entusiasta
O'Connell, alma e imagem da patria irlandeza,
não poude alcançar em trinta annos, Parnell,
sagaz, cauteloso e simples advogado, obteve-o
em menos de dez. Estava já achanada a senda
para as reivindicações do *home rule*.

Mas onde terão fim as exigencias da Ir-
landa, e qual será o termo da questão agra-
ria?

Se são solidarios todos os trabalhadores europeus, que se appellidam por tão differentes nomes, as soluções agrarias, na terra irlandeza, hão de afinal encontrar echo em todos os paizes. Deparamos aqui com um torvo exemplo que vem acinte ao nosso intento. Um dia houve em que a Sardenha rompeu em alterosos excessos, para lograr a unificação da Italia. Escrevia, então, Cavour ao marquez d'Azeglio, embaixador em Londres: «Sem ser necessario aterrar ninguem, dê a entender que eu sou capaz de praticar os maiores arrojós».

Repita a Palmerston esta phrase, que eu vou aqui fazer soar a todos os ouvidos:

«Mas que quer? — Na situação em que o congresso deixa a Italia, os homens moderados como é o sr. Cavour, reservam todas as suas esperanças para uma guerra geral; e o partido avançado — esse confia n'um cataclysmo universal».

Ao mesmo marquez escrevia mais tarde Cavour:

«Quanto a nós, para quem a questão italiana é uma questão de vida e de morte, é mais fácil deixarmos o poder cem vezes, do que modificar os principios em que a nossa politica anda ha oito annos assente».

Tambem os conservadores se alfaiam com estas peregrinas exaltações—não as reputemos prenda exclusiva e peculiar da democracia.

Desfez-se a França em jubilos e arrebatamentos, e tanto acariciou o pensamento da união fraternal, que lá foi a Solferino e a Magenta desparzir o seu generoso sangue, para que triumphassem interesses que não foram, nem são seus. Transcorridos os enthusiasmos da victoria, emmudecidos os eloquentes brados com que se preconizava a unidade das raças, glorificando a unificação da Italia, surgiram as consequencias infestas e inexoraveis d'esta seductora these, vestida com as fórmulas da ambição e da conquista. O troar dos canhões, disparados nas planuras da Lombardia, veiu reboar em Metz e Sedan. A Alsacia e a

Lorena, extorcendo-se, captivas, aos pés do vencedor, foram a lugubre realidade das tentadoras theorias invocadas por Cavour e Bismarck. E ao formoso ideal do governo italiano deveu a França a espoliação e a guerra. O condoimento e sympathia das Gallias pelas desgraças d'um povo irmão, traduziram-se n'uma licção severa que a França está expiando hoje, como se fora uma malfetoria o seu magnanimo e generoso proceder. As condolencias exaggeradas, e as subitas e ruidosas demonstrações de affecto teem, na vida das nações, resultados tão dolorosos, que por vezes excedem a previsão humana.

A questão agraria, na Irlanda, é o prodromo das futuras luctas entre as collectividades sociaes — na essencia, é a expressão d'uma das variadas formulas socialistas.

Conhecem de sobra os governos inglezes estas ineluctaveis tendencias, embora o não divulguem, e só assim se explicam medidas coercitivas e d'uma repressão cruenta, que

seriam inconcebíveis, exercidas por habéis e machiavellicos ministros, se os não demen-tasse o pavor do futuro.

Nem outra é a esperança do proletariado no sul da Hespanha, que emmascara com profissões de cantonalismo, o seu culposo intento de dividir a terra em commum. E tão manifestas são taes propensões e pendor de animo, que varios movimentos revolucionarios teem abortado na Peninsula, por se negarem os cabeças, feridos de receios, a dar armas a populares.

Estas cobiças e desvairados appetites, que se alcunham a si proprios com diversos epithetos de escholas de socialismo, vão filtrando atravez de todas as camadas sociaes, e invadindo, latentes, os mais afastados paizes.

Em presença de tão incontrastaveis factos, não nos parecem convincentes os argumentos dos que affirmam, que só as nações industriaes estão expostas a graves alterações na ordem social. A nosso ver, as regiões agrico-

las correm eguaes riscos de futuro. São já numerosas as publicações em que estes ousados principios se proclamam. Com mais ou menos dilação é para crêr, que todas as populações ruraes da Europa commungarão fraternalmente n'estes agapes.

Ainda ha pouco, um homem assaz conhecido no mundo das letras, Élisée Reclus, terminava o prefacio d'um livro de Kropotkine com estas sinistras phrases: «Não attenteis nos que falam da tribuna em nome da sciencia official, nem espereis dos ruidosos rostros uma palavra sequer de liberdade. Escutae antes as vozes que vem de baixo, embora saiham coadas pelos ferros d'uma prisão».

O livro a que nos referimos, e que Reclus annotou e publicou tambem, é o transumpto de todos os artigos que escreveu Kropotkine no jornal «anarchista» *Le Révolté*.

A citação vem de molde:

«Vejam os que é essa ordem que quer destruir a anarchia.

«A ordem, hoje, — o que elles teem por ordem — é nove decimos da humanidade a trabalhar para satisfazer o luxo, os gosos e as desordenadas e execrandas paixões d'um punhado de ociosos.

«A ordem, é a privação, n'estes nove decimos, de tudo o que constitue a necessaria condição para uma vida hygienica, e para o desenvolvimento racional das faculdades intellectuaes. Reduzir nove decimos da humanidade a bestas de carga e a viver dia por dia, sem ousar sequer pensar nos gosos, que encontra o homem no estudo das sciencias, e nas creações artisticas — eis aqui está a ordem!

«A ordem é a miseria, a fome transformadas em estado normal da sociedade. É o trabalhador irlandez a morrer sem abrigo nem alimento; é o trabalhador d'uma terça parte da Russia a fenecer da diphteria, do typho e da inanição após grande carestia, no meio do acervo de cereaes que a exportação arrebatá.

É o povo da Italia obrigado a abandonar o seu uberrimo solo, e a vagar pela Europa em busca de trabalho que o ha de prostrar, dando-lhe apenas mais alguns mezes de existencia. E' a terra tirada ao trabalhador para creação do gado, que é a alimentação exclusiva dos ricos; é a terra que antes se quer deixar em charneca, do que entrega-la áquelles que a cultivariam logo.

«A ordem, é a mulher a prostituir-se para dar pão aos filhos, é a creança levada a ser encerrada n'uma fabrica ou a expirar inanida. E' o artifice feito machina. E' a insurreição dos operarios ás portas dos ricos, a revolução popular espumando de colera no atrio dos palacios do governo.»

Bem provado está, que as nossas apprehensões não são em todo o ponto infundadas. Com a facilidade de communicações que hoje gosa a Europa, podemos dizer sem errar, que as noticias correm com a velocidade do raio — transmittem-nas os telegraphos electricos.

Já não ha longes, nem pode haver estorvos serios e reaes á transmissão do pensamento.

As classes superiores luctam com uma perturbadora decadencia n'esta phase da evolução, e são arrastadas, por milhares de causas, n'um turbilhão de perversões faceis de decompor e observar. E em quanto quasi todos se convencem de que o pendor é irremediavel e fatal, escrevem os revolucionarios, que é necessario semear por palavras e obras, que é mister que as suas doutrinas se diffundam por todas as provincias, que sejam discutidas em todas as aldeias, que penetrem em todos os povoados, e que no dia da lucta sejam o credo de todos os jornaleiros.

Parece-nos que d'esta arte não occultam os seus intentos.



«A maior objecção, accrescenta o mesmo escriptor, que até hoje se tem feito ao socialismo, consistia em dizer, que se a questão social interessa aos operarios das cidades, não tem razão de ser applicada aos campos; que se os operarios das cidades acceitam de bom grado as idéas da abolição da propriedade individual, e se enthusiasmam com a expropriação das fabricas e das officinas, não acontece aos trabalhadores o mesmo; diziam-nos, que estes não confiam nos socialistas, e que se um dia os operarios das cidades tentassem realizar os seus planos, ver-se-hiam com excessiva desvantagem a braços com os jornaleiros.

«Confessamos que, ha trinta ou quarenta

annos, teria uns longes de verdade argumento semelhante, em varios paizes ao menos. Um tal ou qual bem estar em certas regiões, muita paciencia n'outras, levavam, de feito, os trabalhadores a mostrarem pouco ou nenhum descontentamento. Hoje, tudo isso acabou. A concentração dos bens immoveis nas mãos dos mais ricos, e o desenvolvimento cada vez maior do proletariado nos campos, os pesados impostos com que o Estado esmaga a agricultura, a introdução das machinas nas lavouras, a concorrência da America e da Australia, a troca, finalmente, de idéas, que vão hoje rapidamente ao mais remoto e obscuro villar — todas estas circumstancias mudaram, nos ultimos trinta annos, as condições da vida rural. Acha-se a Europa, agora, em presença d'um vasto movimento agrario, que ha de atear, sem grande demora, gravissimas conflagrações em toda ella, e dar um alcance á proxima revolução, muito maior do que teria se lhe fossem barreira as portas das cidades.»

Depois de descrever a situação, que reputa intoleravel, do cultor do solo, o jornaleiro, na Irlanda, Hespanha e Italia, depois de narrar largamente a agitação que lavra n'estes paizes, afirma que, n'aquelles que se honram em ser civilizados, como a Inglaterra, a Alemanha, a França e a propria Suissa, n'esses mesmos, nem assim o estado do agricultor se vae tornando menos insoffrivel e penoso. Presume que se um dia a Europa se achar abraçada, como n'um cerco de fogo, por diversas sublevações dos trabalhadores, que se a expropriação dos bens dos poderosos se fizer em larga escala, forçosamente o centro da mesma Europa, os paizes que se dizem civilizados hão-de sentir-lhes a repercussão e o embate.»

Não carecemos para o nosso preposito de alongar citações — tão saturadas vem estas já de ameaças, que, para acabar com Kropotkine, basta-nos trasladar aqui este repto ardidado e exicial: «Temos a peste nos nossos

lares, é preciso destruir-lhe a causa, e ainda que seja a ferro e fogo não ha que hesitar. Está n'isto a salvação da humanidade.»

Alenta-nos a fé de que nos não hão de acoimar de admirador d'estas vozes, na parte em que se não poupam feros nem ameaças contra o estado social existente. Mas nem por isso os riscos do futuro são menores, nem menos perigosos os brados da fome e da miseria.

Para seduzirem os proletarios e attrahirem-nos aos seus intentos, debuxam-lhes o socialismo como uma doutrina peregrina, d'uma applicação immediata, cujos resultados lhes gizam como devendo crear um Eden perenal. Fanatizados por estas insanas phantasias, deixar-se-hão arrastar a todas as convulsões politicas, na presupposição de que os lances mais arriscados do porvir serão, ainda assim, menos angustiosos do que as desgraças presentes. Costume é, que quanto mais nebulosas são as theorias e menos realizaveis, taes como

se enunciam, mais viva é a fé dos proselytos, e com maior ardor se arrojam estes ao martyrio.

O que tem até aqui tornado impraticavel e utopico o socialismo, é ter querido innovar d'uma só vez a sociedade toda, em lugar de ir ensaiando n'este ou n'aquelle pequeno grupo, a acção effectiva do seu systema. Já quiz ser socialismo do Estado, e a nosso ver, é esse um dos seus maiores errores, e dos seus menos acceitaveis principios. O futuro das escholas socialistas, quanto a nós, está pelo contrario em se dirigirem a grupos diminutos, e não a vastas e confusas massas, e organizarem associações variadas e multiplices no seio do grande corpo social. Exige o socialismo dos seus membros — confessam-no os seus proprios partidarios — para se realizar, para se tornar pratico, uma certa media de virtude, que se poderá encontrar, de certo, n'algumas centenas de homens, mas não em milhões d'estes. Busca estabelecer uma provi-

dencia humana, que zelaria mal os negocios de todos, embora logre agenciar não sem vantagem os interesses d'alguns. O socialismo quer mais ou menos pautar e regradar a existencia de cada individuo, dar-lhe destino, marcar a cada um a media da sua felicidade, e determinar-lhe o aposento na colmeia social. E' assim um impossivel, porque é a vida uniforme, monotona enfadonha, prevista, sem esperanças, sem ideaes, sem aventuras, e emfim sem luctas, quando é na lucta que o espirito se enaltece, e vae rasgando novos horizontes.

«Todo o descobrimento scientifico», diz um illustre escriptor, «passa necessariamente por tres periodos distinctos: o periodo de pura theoria, o periodo de applicação em pequena escala nos laboratorios, o periodo de execução em grande na industria. Acontece, por isso, a cada momento, deter-se uma idéa na esphera da theoria sem que possa descer á pratica, ou, então, dar um grande resultado no ambiente artificial do laboratorio, e mallograr-se quando

se tenta em ponto grande entrega-la á industria. Se isto se dá com todas as idéas scientificas, com todas as invenções que teem relação com a materia inerte, por maioria de razão assim succede com as idéas sociaes, com as experiencias sobre a materia humana, tão variavel, tão heterogenea, tão resistente».

Repetimos mais uma vez, que o maior perigo que vemos no socialismo, é a fórmula vaga, indecisa, e indeterminada das suas theorias e preceitos. E pelo pendor insito que as multidões teem ao mysterioso e insondavel, é essa mesma escuriza de conceitos que mais as reprue e afervora. Tem o socialismo tenues vislumbres da doutrina do Nazereno, como a ensinavam os christãos primevos, e seja qual fôr a epocha, quem souber bradar ao sabor e sentir das turbas, ha de encontrar sempre neophytos e catechumenos, mormente em tempos desquietos e torvos, que dão já rebates do proximo encerramento do seculo.

Quaesquer que sejam os nossos receios e

pavores, nem por isso a evolução ha de sobrestar na sua marcha, que é fatal e immudavel como todas as leis do universo. Temos para consolo, n'esta phase de precipitosa decadencia, a esperança de que o presente abatimento das instituições, das crenças e dos costumes assemelha-se ás desaggregações moleculares no mundo physico, para a organização de novos productos — tambem na vida social ha como que uma genesis ininterrupta, e uma incessante transformação.

Demais, a desesperança seria mal cabida por inutil. Gemidos e lastimas nas especies animaes — os que não são acções reflexas ao menos — tiveram por escopo primitivo chamar a attenção, inspirar dó ou pedir soccorro. Explica esta utilidade a existencia e propagação, na especie, da linguagem da dor. Mas como não podemos apiedar o inexoravel, nem commover o que de si é impassivel e normal, e conforme ao que nós tambem pensamos, resta-nos a resignação, um certo consenso in-

timo tambem, e ainda mais: esse sorriso, que se nos desata dos labios, quando a intelligencia comprehende, observa, e se interessa por tudo — pelo phenomeno da sua propria extincção até.



Se um clinico faz a diagnose do estado pathologico d'um individuo, a ninguem nunca veiu á mente alcunha-lo de pessimista ou de espirito melancholico. O medico disse o que observou, o que pensa, e o que presente. Nos estudos sociaes da eschola evolucionista, optimismo e pessimismo são vocabulos ociosos e inuteis, repudiados pela sua propria banalidade.

Concebe-se que o espirito refractario aos custosos labores do estudo, que o animo a quem a meditação decepa, ouse, com subito

denodo, julgar n'um relance o que exige aturada observação, e conhecimentos não vulgares.

Penaliza, porem, ver o talento, maturado pela experiencia, com o mesmo desplante e desenvoltura, deslembrar-se, que os estudos sociologicos são alheios ás phantasias de cerebros excandecidos.

Provavelmente é pessimista Spencer quando escreve:

«Entre as crenças monstruosas, é uma das maiores, de certo, aquella que exige uma larga apprendizagem para um simples officio, como por exemplo é o de sapateiro, e que só para fazer leis não reclama apprendizado nenhum». E que fero pessimista não se manifesta o illustre pensador quando accrescenta: «E' evidente, que se um homem tenta legislar para uma sociedade, sem ter estudado os phenomenos consecutivos da ordem social, tem logo a certeza que vae proceder com gravissimo risco de errar».

Compreender as leis da evolução, observa-las na sua marcha, e estudar as phases do seu desenvolvimento e a fórma por que actuam, não é ser optimista nem pessimista — é ser um homem estudioso e serio. Os espiritos inteiramente varonis, escreve Guyau, nunca hão de vir a ser homens esmorecidos ou enfadados, como Mérimée ou Beyle.

Mesmo no nosso meio social não é grande o desalento — o que é vasto, o que é enorme, o que é colossal é a indiferença publica, porque não ha crenças de ordem nenhuma, nem o pejo de as não sentir. Sociedade bifronte, thurifica em commum doutrinas, principios, actos e individuos a esmo, e no abandono intimo, á puridade, chanceia e burla de tudo quanto de praça simulara ter em conta de respeitoso e grave. Em publico é tal o concerto de encomios, elogios e gabos, onde só a vaidade ingenua impera e tem quinhão, que faz escuras as pompas de Byzancio. Privadamente as chufas e zombarias cahem, como granizo,

sobre aquelles a quem pouco antes poseram em foro de immortal. Paiz pequeno, onde todos se conhecem, e em que os mais insignificantes factos vem a lume, não é facil occultar por muito tempo o sentir e pensar de cada um. Ha, porem, um accordo tacito, que não só remitte todas as discordias, mas até favorecia interesses, que as mais das vezes na politica são communs — permite-se todo o genero de scepticismo por mais banal e infundado, é licita a dicacidade ainda que nojosa e repellente, exige-se só que nos rostros e na imprensa, no parlamento e no jornal, os epithetos mais pomposos cerquem d'um nimbo refulgente a fronte de todos os confrades — pouco importa que, depois, se sussurrem á puridade os mais acerbos e pungitivos moitejos. Esta ausencia de senso moral, em que não vislumbra o mais tenue retrahimento de pudor, seria menos nocente, se não damnasse tambem, no seu desvairamento, crenças e instituições de toda a especie; mas nada e

- aqui é a
 linha ornada
 etc de esp. for.

creada na vida politica, propagou-se profusamente e hoje lavra por todo o corpo social, estiomenando-o até á medulla. Crenças religiosas, preceitos moraes, principios politicos, regras de educação, finalmente tudo quanto configura o ideal d'um povo, e consubstancia a sua autonomia moral como nação, anda n'esta redoiça de apparencias e dissimulações de fé, de desdens e desprezos mal velados da indifferença e incredulidade geral. Tão desnergado e abatido está o paiz pela ausencia moral de toda e qualquer orientação, tão profundo é o somno lethargico em que o adormeceu um insensato indifferentismo, que não será a politica eleitoral, de certo, que o ha de arrancar a este torpor e ergue-lo de pé. Ás influencias locaes apraz-lhes este somnambulismo, porque, sem receio d'um desmentido, pregoam serviços e pompeiam honras e mercês, e como foram sempre influencias identicas que provocavam retaliaciones e conflictos, agora, entregue o povo rural á sua inercia, assiste im-

passível a todos os simulacros de regimen constitucional. Sabe como se chatinam votos, como a auctoridade faz pressão no eleito, como o candidato é aprovado ou regeitado pelos governos, como o parlamento fica nas mãos do poder, como os partidos militantes se combinam e harmonizam, em segredo, para serem eleitos certos nomes, sabe bastante, emfim, para desprezar instituições, que vivem á sombra d'estes deploraveis expedientes.

Os systemas politicos, para se manterem vigorosos e sopesarem, com proveito, toda a acção governativa, carecem, assim como a religião, de fé viva, e precisam cercar-se de todos os respeitos e deferencias que originam a consideração publica. Os nossos lidadores d'África, e os nossos ardidos e ousados guerreiros e navegadores da India, depois da peleja, banhados ainda em sangue de agarenos, cahiam de joelhos a render graças ao Eterno pela victoria. Esforço, destemor e ar-

dimento nasciam-lhes das crenças, e formavam assim pleiades de heroes. Ide pedir ao aldeão, que conhece já todas as ridiculas frouxezas, e todos os ardis tediosos d'uma instituição qualquer, que exponha a vida por ella. Dir-vos-ha, que a defenda quem tira lucro e interesses da sua existencia, dir-vos-ha, que a vida lhe é tão penosa hoje como tem sido sempre, e que não crê em politicos nem em partidos, porque todos o ludibriam e esmagam. A conservação, pois, dos actuaes governos não se explica nem pelas sympathias adquiridas, nem pela veneração que as instituições inspiram, nem pelas crenças com que se adora o systema existente. Os governos vivem meramente da força material que dá o poder, vivem da indifferença publica, e das graças, favores e vantagens, que dispensam ás cohortes que os escoram e amparam. Por isso o opportunismo está elevado, em todos os paizes, á altura de razão de Estado; porque satisfaz, por esta maneira, as mil necessidades

d'uma politica toda de expedientes — politica de concessões e repressões, feitas a revezes e a cada hora em variados sentidos, sem orientação e sem eschola, vogando á mercê do derradeiro acontecimento, ou dos tramas e ardis da ultima occasião. Por egual fórma procede Bismarck — dirige-se hoje respeitoso a Leão XIII, amanha lisongeia a Russia, depois protege o anti-semitismo, logo afaga os protestantes, mais tarde persegue os socialistas, em seguida estende a mão á Austria, e, sem detença, deixa que os seus reptis, como elle appellida a imprensa, insultem a França. N'estas alternativas incessantes d'uma dobrez rara e pouco cobiçavel, apagam-se as tradições do decoro, despedaça-se a inteireza do character, e ficam incestados os mais nobres preceitos da moral. Tão funestos exemplos tem encontrado discipulos, que perlustram as suas alcantiladas e escabrosas sendas. E este opportunismo artificioso, que traz arremedos da cavillosa, vulpina e subtil politica do se-

delosa

culo xvi, vem, como um irrisorio anachronismo, incrustar-se n'uma epocha de profunda dissolução. Percorrendo quasi toda a Europa, aqui o temos em Portugal, onde a vida de expedientes que, em mal, é a nossa, produz males desastrosos, e n'um ou n'outro ponto irremediáveis. Uma sociedade em geral menos civilizada, como esta, sahida ha pouco do limiar do absolutismo por uma precoce e immatura evolução, entrega-se ás primeiras impressões, e accommoda-se mais facilmente ao sabor dos seus interesses e proveitos. Ora, o opportunismo é a perversão de todos os systemas, porque é a corrupção constituida em eschola, e o symptoma mais evidente da decadencia de qualquer instituição.

Theoricamente todas as instituições são valiosas, e todos teem uma missão a cumprir, quando por aberrações imprevistas se não desviam das leis sociologicas — mas em hypothese, em relação a um povo, n'um determinado estado de civilização, podem ser uteis

ou inefficazes, prejudiciaes ou vantajosas. Depende a sua acção nociva ou benefica, do periodo evolutivo em que essas instituições vigoram. O que é util é necessariamente transitorio, por que o prestimo desloca-se tambem, e é por isso que a utilidade d'um systema é a prova luminosa da sua condição mortal. Fenecem os systemas e as instituições, os sentimentos e as idéas é que não acabam. Todos os arranjos se desarranjam, todas as delimitações, e deffinições se quebram a seu tempo, todas as construcções se desfazem em pó — só é eterno esse mesmo pó das doutrinas, a todo o momento prompto a entrar em novos moldes, por uma fórma provisoria sempre luxuriante e vivaz, e que, longe de receber vida d'esses modelos fugentes que atravessa, é elle proprio que lh'a dá. Os pensamentos não vivem dos seus contornos — existem pela sua essencia. Para os penetrar é mister collhe-los, não na sua immobilidade, no seio d'um determinado systema, mas sim, quando se

movem, e vão atravessando successivas e diversas doutrinas. Pode-se dizer dos systemas, e por isso tambem das instituições, que são feitos para um certo espaço de tempo mais ou menos longo, como qualquer architecto edifica, para tres ou quatro seculos, um edificio imponente e majestoso — concluida a vasta e admiravel fabrica, é facil assignalar por que lado hão de primeiro ranger e estalar as vigas, em que ponto começarão as abobadas a abater, até que o desmoronamento seja geral. Some-se já nas brumas do passado, esse doce desconhecimento da metamorphose dos costumes, e da mutação constante das instituições. Vae longe essa serena ignorancia, que timbrava em não demudar crenças nem affectos até á hora do passamento. Vê-se esvaecer quedo e quedo essa certeza intima do mundo moral, e apagar-se o lume da fé animosa e consoladora, em que tão confiados todos, re- poisavamos a frente. E' triste, é — e para que denega-lo? Se a independencia do espirito e

o livre exame teem attrativos, teem encantos, e horas d'um deleite inebriante, tambem lhes não escasseiam turbações e amarguras. Temos de nos propor hoje a soffrer mais pelo pensamento, por isso que tambem por elle mais gosamos — a vida do espirito e a do corpo lembram uma balança, onde, em cada concha, se aquinhoem e repartam dores e alegrias. O sentimento não pode esquivar-se nunca a uma funda tristeza, como a tem a duvida, e como se manifesta sempre d'envolta com os nossos jubilos, indo reboar na propria consciencia. E para estas tristezas que são insitas no nosso ser, e que acompanham sempre, e com maior incremento os espiritos mais lucidos, não conhecemos outra consolação, que não seja o preceito do estoicismo antigo, e que se resume, n'este ponto, em tres palavras um tanto asperas e assaz duras: «Não ser covarde».



Os estudos sociaes quando não revelassem maior tomo, tinham-no de sobra em serem consolo dos que crêem, e aculeo para aquelles que indagam, observam e investigam. Aos que afanam e lidam a atinar com a senda, por onde possam ir careando e grupando factos em que se observem as leis sociologicas, nunca acudiu ao pensamento encerrarem-se em impidosos systemas, que os emparedem a elles, espancando-lhes os porvindoiros horizontes da sciencia. Cada systema, como tal, serve para demonstrar precisamente a inefficacia da idéa mãe que o rege e determina, e não menos a necessidade que o espirito humano sente de transcender esse conceito. Systematizar é, de

feito, ao colher n'um grupo de idéas tudo o que ellas contem, dar mostra de que nada mais se pode d'alli inferir, e evidenciar, que são estreitas as suas lindas para accomodarem todas as concepções humanas.

Impulsionado pelo duplo sentimento das raias da nossa sciencia, e da infinidade do nosso ideal, não é para crêr, que o homem renuncie nunca o estudo dos grandes problemas sobre a origem e fim das coisas. Nada tolhe uma creança diz Spencer, de cerrar os olhos por instantes, a fim de se esquivar á consciencia da treva que o circumda; mas essa consciencia ainda que menos viva, persiste sempre, e a imaginação continua necessariamente a occupar-se do que está fóra dos limites da percepção. O progresso do espirito humano, observa um eminente escriptor, tem-se occupado menos de solver problemas do que vae porfiando em os formular. Já ninguém enuncia enigmas nos ingenuos termos com que se expunham aos individuos primi-

tivos. E' essa uma das provas da elevação do espirito do homem — quer, porem, a desgraça, que tenha tanto de difficil como de tentante a solução. Compara Spencer o saber do homem a uma esphera luminosa, perdida n'um infinito de obscuridade — quanto mais vae crescendo a esphera, tanto mais multiplica com a noite os seus pontos de contacto — e assim é que a sciencia, cuja desenvolução não cessa, vae cavando a cada hora mais fundo o abysmo da nossa ignorancia.

Temos entrado n'esta ordem de considerações, não só para nos exirmos do epitheto de pessimista com que se aforam em sabios os que o arremessam a amigos e adversarios, mas para propulsar, tambem, o cognome não menos enfadoso e impertinente de fatalista, que nos não pôde caber aqui, e que d'uma vez para todo o sempre regeitamos. «Se a sciencia insiste, opina Vacherot, em nos designar qual é o quinhão de fatalidade que entra nas coisas humanas, se nos mostra em

toda a parte a lei sob o facto, a necessidade debaixo da contingencia, a natureza a entonar-se detraz da verdade, deixa, comtudo, aos actores do drama historico, individuos ou povos, a liberdade dos seus actos, a responsabilidade dos seus vicios ou virtudes, da sua prudencia ou dos seus desacertos.» Aqui podemos agora pôr balisas a esse torvo fatalismo, com a fundada esperanza de que nos não confundam com os sectarios do koran. Nos paizes pequenos, é força ser cauteloso e breve não só em raciocinios, mas principalmente na narração dos factos, embora ahi melhor assente muitas vezes a verdade d'uma preposição. As pequenas sociedades estimam em subido grau os preconceitos, delicia-as terem idéas arrumadas, postas em ordem, convenientemente numeradas, para acudirem com a phrase já modelada onde as chamar qualquer eventualidade. E tão longe vae este vivo interesse de não perturbar o cerebro no seu doce e calmo repouso, que os epithetos até que acompanham

a idéa não variam, e estão como emmoldurados, para nos momentos solemnes sahirem a luzir com apparatuso acompanhamento de phrases. Fôra estudo para tentar engenhos a historia d'esses preciosos adjectivos qualificativos, que vão correndo mundo, e que á semelhança d'um parasita que fez eguaes viagens, merecem pelas suas aventuras as honras da publicidade.

Despertar, n'estas condições, uma sociedade tão circumspecta e ordeira, a quem é perigoso empavorir dando-lhe em que pensar, afigura-se-nos tarefa tão arrojada, que preferimos, que penna forasteira escreva o que sem grande estorvo se póde applicar a Portugal.

«A par das grandes mentiras, escreve Dietrich, quantos pequenos embustes penetram e envolvem a nossa vida toda! Actuam como se fôra bolor, trazem consigo decomposição e apodrecimento, nem d'outra fórma pode ser. Nasce-se e cresce-se com a mentira, es-

tamos constantemente cercados de mentiras, é preciso mentir cada vez que se fala em publico, ou quando se entra em relações directas com as intuições politicas e sociaes, sempre que se tem por habito dizer ou fazer o que se não pensa nem sente, tolerar, como o que ha de mais natural, a incessante contradição entre as proprias convicções e as praticas exteriores, e ter a hypocrisia por dever civico e prudencia mundana. Como é possível conservar assim um character recto, ser sincero no proceder com os outros, e verdadeiro em todos os actos da vida privada? Mente-se no passeio e nas salas, como se mente na igreja, nas reuniões eleitoraes, nas estações publicas, e nas praças de commercio.»

Tem esta qualidade de serem enganosas todas as relações sociaes — relações que teem por fundamento a sociabilidade e o instincto, tambem, da solidariedade humana, e que vem nascidas do desejo que sentimos de viver com

os nossos semelhantes, evitando o isolamento por contrario á natureza. Ainda hoje as fórmulas d'estas relações deixam ver-lhes a origem. Accentuam o prazer que os homens logram quando se encontram reunidos, e patenteiam a sympathia que parece attrahil-os. Quando se depara com alguém que se conhece, corteja-se, e por esta maneira se exprime a summa prosperidade que se lhe deseja. Quando se recebe uma visita manifesta-se-lhe o maior contentamento, pede-se-lhe que se demore, e insta-se affavelmente com ella para que volte sem maior detença. Dão-se bailes proporcionando aos outros variadas distracções; aprestam-se festins em que folgadoamente se deleitem, e prendam-se, para que fiquem reconhecidos ás galanterias e finezas do dadivoso. Se ha caso alegre ou triste que os interesse, busca-se logo vê-los para lhes levar a felicitação ou o consolo. Eis a theorica significação das formulas ou praxes sociaes. «Mas na realidade, acrescenta, o mes-

mo escripto, quasi todo o contacto d'um homem com outro revela hypocrisia e mentira».

Damos os bons dias a um individuo que perpassa, e não se nos dá se depois ouvirmos, que logo em seguida partiu as pernas. Convidamos alguém que nos visita a voltar mais vezes, e aliás temos ao vel-o a sensação que um aspide nos causaria. Damos saraus, e enchamos atrio e salas de pessoas que abominamos, detrahimos e até desprezamos, ou ainda em melhores condições tão indifferentes nos são, que nem sequer dariamos dois passos para lhes agradar, se podessemos fazel-o com esse leve esforço. Vamos ás reuniões alheias, e passamos em frivolas praticas horas inteiras, que mil vezes preferiramos dar ao somno; temos sorrisos de condescendencia que occultam momentos aborridos; extremamo-nos em lisonjas quando quizeramos dizer affrontas; para com o amphytrião mostramo-nos na apparencia penhorados, no fundo da alma execra-

mo-lo; asseguramos-lhe completa dedicação, e a pouco trecho ordenamos aos creados que o não recebam, se vier pedir-nos um serviço custoso. Reciprocamos visitas com pessoas que nos enfadam, só por que lhe devemos esse cumprimento e cortezia; por festas ou por occasiões variadas offerecemos mimos e lembranças, irritando-nos ao mesmo tempo essa despesa forçada; convivemos n'uma apparente intimidade com pessoas, que, sem que o ignoremos, nos detrahem e que nós egualmente não poupamos. Em consequencia d'esta falta de sinceridade, a vida social, que em theoria completa a vida de cada um e augmenta o seu bem estar, transforma-se n'um constrangimento sem tregua nem folga; todas as vezes que nos approximamos dos nossos semelhantes, trazemos para nossa casa o tédio, o descontentamento, a inveja, o desprezo, a vergonha, a zombaria, emfim, as mais desagradaveis e penosas impressões.

E comtudo, voluntariamente se condemnam

muitos a estes dissabores, e gastam-se totalmente os homens das classes que se dizem superiores n'esta vida mundana, que — bem o sabem elles — não pode dar-lhes contentamentos, nem estimulos, nem força moral. O que é que os impelle a esta fadigosa e interminavel comedia, em que são obrigados a sorrir-se, quando desejariam tanto ranger os dentes, e em que é preciso serem amaveis com aquelles que mais detestam? E' o egoismo — que está no fundo de todas as instituições actuaes, opina Dietrich. Quer cada um elevar-se a todo o transe. Corre aos theatros, aos divertimentos, aos festins e aos intimos convívios, para tomar conhecimentos e fazer sala a determinadas pessoas, grangeando favores, e logrando mais facilmente os seus intentos pelos defeitos e fraquezas dos outros, do que o alcançaria com os meritos proprios. Aquelle que já conquistou uma situação independente, aposta-se a lidas e a sacrificios pecuniarios para enredar collegas, ou quando

mais não seja amargura-los, para se afamar de rico, de poderoso e de influente, para se rodear de cortezanias e lisonjas, emfim, para pompear grandezas, e por sobejos modos dar pasto á sua offegante vaidade. Nas assembléas e reuniões, estes homens de sala só vêem uma pessoa: a sua propria — na mais animada conversação, quando parece que ouvem e applaudem as idéas dos que discorrem e palettram, e que da sua existencia se olvidam inteiramente, ahi mesmo, só em si pensam e só escutam os seus mais intimos pensamentos. E' d'esta arte que o egoismo corrompe as mais innocentes relações humanas, e que todas as formulas sociaes, que o instincto da solidariedade gerou, se transformam em mentiras.



Em todos os tempos existiram paixões, por que são ellas apanagio do coração humano. Em todos os seculos houve vicios e crimes, bons e maus costumes. Mas succede que nos periodos de maior civilização, embora as paixões mantenham, desveladas, as suas qualidades intensivas, despojam-se, todavia, da nativa ferocidade. O proprio crime, sempre hediondo, e que entre selvagens ou barbaros é sevo e cruento, vae pouco a pouco, e como por uma evolução gradual, perdendo seus ferros instinctos — copiosa herança do homem primitivo, e d'este modo se espiritualiza, se cabe aqui este termo, obrigando legisladores e criminalistas a espiritualizarem, tambem, pela pena a expiação.

Assim como ha crimes, que reflectem o estado de illustração de um paiz n'uma epocha determinada, pela mesma fórma, nas phases de visivel decadencia, accentuam-se e reproduzem-se vicios e delictos distinctos, que espelham o estado de enervação d'um povo ou d'uma raça. Houve sempre vaidades, nunca escasseou egoismo, todas as paixões, as mais nefandas, ainda mal, correram sempre infrenes por meio das sociedades. Abundam-nos exemplos nas civilizações antigas, vemo-las colleando atravez da meia-edade em toda a negrura dos mais abjectos feitos, e chegarem a este periodo historico revelando ferocia igual — mas são factos isolados, que a hereditariedade, o atavismo ou um estado pathologico patenteiam e explicam.

N'um estudo do typo criminal pelo methodo de experimentação, diz Garofalo, que as anomalias anthropologicas por elle observadas, vieram confirma-lo na idéa d'uma correlação entre a degeneração physica e moral, e que

nem um só dos individuos examinados estava isento de alguns dos caracteres notaveis das raças inferiores da humanidade. Posto que existam verdadeiras indoles de criminosos cujo physico em nada seja anormal, consideremo-los, porem, como excepção, por que, na pluralidade dos casos, á deformidade exterior associa-se a anomalia da organização psychica. «Os malfeitores que escolhi», observa o illustre magistrado, «deram-me a prova mais acabada de insensibilidade moral, de ausencia absoluta de senso, e com isto vinham simultaneamente algumas anomalias physicas muito para notar, sendo mais ponderosas as que dizem respeito ás raças inferiores. No tocante aos criminosos impulsivos, posto que enfermos e as mais das vezes mal organizados, não teem, pelo contrario, nenhuma expressão sinistra — reduz-se a sua anomalia ás perturbações e enfraquecimento do systema nervoso. Estes são organismos pathologicos apenas, ao passo que os primeiros revelam uma va-

riedade da especie humana, representam, talvez, no seio da nossa civilização, homens pre-historicos ou selvagens, são phenomemos de reversão ou diremos de degeneração, o que na essencia importa o mesmo sob o ponto de vista criminal».

Vicios, desvarios e ruins abusos temo-los relatados desde Aristophanes até Juvenal; mas a marcha actiosa de um certo numero de factos, que assignala uma desmedida e incessante corrupção, essa manifesta-se sómente nas epochas de decadencia, e largamente vem referida pelos escriptores das civilizações antigas. No egoismo e no sentimento de solidariedade, que possuem os povos e as raças humanas, temos nós a medida exacta da sua força vital. Quanto maior é o numero de individuos, que antepõem os interesses proprios aos primorosos deveres de solidariedade, e ao ideal formosissimo da desenvolução da especie, tanto mais se acerca o termo da vitalidade. Pelo contrario, quanto mais numerosos

são os individuos que teem em si o instincto do heroismo, do desinteresse, e do sacrificio, mais poderosa se torna a energia d'uma nação. Ora, os vicios actuaes teem a qualidade damnosa de corroerem e enervarem todos os generosos sentimentos, e os mais levantados ideaes d'um povo, e tão pertinaz e indurada é a sua influencia, que disseminando-se lentamente por todas as camadas sociaes, acabam n'esta redobrada acidia, por lhes sugar todos os brios e pundonor. Quando se entra no periodo de anarchia latente, que é o residuo da corrosão quasi consummada, quando se observa a extincção gradual e desharmonica das funcções sociaes, não é difficultoso prever a agonia das instituições e das crenças em que assentava a vida moral d'essa nação. Nem por isso todas essas sociedades desaparecem — não o ignoramos — por que se é possivel pôr a tempo estorvos á decadencia, transformam-se essas instituições e essas crenças, para darem logar a novas manifestações sociaes mais com-

plexas e mais heterogeneas do que eram as anteriores.

Não desanima, de certo, a humanidade, que tem os seus destinos traçados pelas leis da evolução — não se anniquilam, na verdade, os thesoiros prodigiosos, que nos foram legados pelas gerações passadas; por isso que a sciencia e o progresso rômpe a cada hora mais infindos horizontes. Bom é, porem, espiar estes factos, attentar na linha de desenvolução por onde nos conduzem as leis historicas, a fim de que na hora das agonias d'este periodo evolutivo saibamos ver, animosos, onde foi iniciada a decadencia, e onde ella tem de fenecer. E' necessario que nos não alcancem improvisamente as consequencias rigorosas dos opportunismos do presente. Em phrase biblica, quem semeia vento colhe tempestades. E', pois, para que os cataclysmos nos não encontrem desapercibidos e remansados, e que não nos quedemos a soluçar threnos, e a carpir dolorosamente em lamen-

tações estereis e inefficazes, que carecemos de toda a serenidade de animo, e da reflexão que dá o estudo, para oppor diques á conflagração futura, consecuencia necessaria do presente estado social.

Estas impetuosas crises, na historia dos povos, são sempre o desenlace fatal dos derradeiros momentos n'um determinado estadio da evolução. A humanidade ao abandonar as antigas formulas sociaes, tem de romper com vigor a chrysallida onde a transformação se operou, e nos violentos esforços em que se debate, após o periodo de recolhimento e de immobibilidade, occasiona formidaveis perturbações. Estes estados intermediarios ou de transições sociaes, «são, como diz um escriptor moderno, simplices accidentes na febre de crescimento das sociedades», e por mais horrentes e pavorosos que se nos afigurem semelhantes symptommas, não lhes exaggueremos nem o alcance nem o risco.

Para cobrarmos animo, sobeja-nos a crença

no vigor e insita necessidade da civilização. Compõe-se esta d'um avultadissimo capital em que o homem se investiu n'uma parte d'elle, sendo a outra parte exterior. Consiste a primeira no copioso numero de noções moraes, de regras praticas, de estudos scientificos e de processos technicos, que teem sido descobertos, inventados e experimentados pelo trabalho continuado do escol da humanidade, que se acham armazenados e capitalizados no cerebro do homem, e que se transmitem por herança e educação as gerações que se succedem. Consta a outra do solo apropriado, fecundado, saneado, das minas exploradas, dos edificios, habitações, fabricas, officinas, entrepostos, estradas, productos da agricultura, da industria, das letras, das artes, e de milhares e milhares de outros, formando estes capitaes reunidos o conjuncto dos valores particulares, immobiliarios e mobiliarios que existem sobre o nosso globo, e cuja somma vae crescendo á medida que o trabalho do homem se vae

tornando mais productivo. Poderá este opulentissimo capital ser destruido? A esta pergunta responde um eminente escriptor. Nas epochas em que as sociedades civilizadas começaram apenas a emergir da densa treva dos estadios bestial, selvagem e barbaro, correu muitas vezes os maiores perigos, mas nunca o lume da civilização se apagou n'uma parte da terra, sem que a sua luz não refulgisse mais esplendorosa n'outras regiões.

Hoje, que é flagrante e incontrastavel a guerreira supremacia do mundo civilizado, acha-se o cabedal da civilização ao abrigo das invasões e correrias assoladoras da barbarie extranha. Estaremos, porem, forros de que não irrompa impetuosa a insurreição do seio das proprias sociedades, na hora em que as instituições do presente estiverem agonizantes? Não poderá ser esterilizada uma parte d'este capital, ou aniquilado inteiramente por uma sublevação das mais inferiores camadas sociaes, d'aquellas que permanecem n'um estado

meio selvagem, e que são auxiliadas pelos formidaveis instrumentos de destruição, que a civilização cria e multiplica a cada hora? Não poderá ser esbanjado e profusamente dissipado pelas explorações insidiosas da politica, na concorrência infrene e desassisada dos partidos, pondo em grave perigo a riqueza publica, e a actividade geral? Pode acontecer, não ha duvida, que uma nação civilizada, sob a influencia de alguma d'estas causas, entre n'uma precipitosa decadencia, e por fim consumme a sua total ruina. Mas a civilização, como observa um escriptor illustre, está difundida por tantos e tão diversos pontos dos dois hemispherios, cresce a sua potencia de expansão com uma celeridade tão prodigiosa, desde que se crearam as grandes industrias e a supremacia guerreira dos povos civilizados, que o desaparecimento d'uma nação, já não poderia de nenhum modo arriscar a existencia das outras. Accrescenta o mesmo escriptor, que tem por irreductivel a civilização, e que,

levada ella ás mais profundas camadas da sociedade, ha de cobrir gradualmente toda a face da terra.



Sabemos que a humanidade não pode recuar, não ignoramos que só o seu desaparecimento do globo supprimiria a civilização, cremos firmemente no evolucionismo como lei geral e immutavel do universo, e por isso comprehendemos, sem angustia, as laboriosas phases que teem de percorrer as gerações que se succedem na terra. O lume da intelligencia, expertado a cada hora pelo rapido desenvolvimento da sciencia, ganha como que uma velocidade adquirida nas suas concepções, e na anciedade ambiciosa de pesquisar e de saber. Os espiritos modernos, que illuminam tudo

com luz mais viva, vêem, por vezes, rasgarem-se ante seus olhos perspectivas sem fim, onde o olhar chega a perder-se com tristeza. Sentimo-nos como levados sobre um abysmo, «á semelhança, diz Guyau, d'aquelles navegadores que, nas Antilhas, debaixo da intensa luz do sol, vêem apparecer-lhes toda a profundez do mar, na sua crystallina transparencia, e medem o pego em que estão como suspensos». Para as intelligencias menos esclarecidas torna-se a natureza opaca, quebra-se-lhes a vista na superficie do oceano das coisas, e, confiadas, vogam os mares á toa, sem anseio de saber o que encerra o fundo das aguas. Mas nem por isso deixam de ser levadas no turbilhão dos acontecimentos, por mais inconscientes que sejam os seus actos. Não ha resistir á força de expansibilidade das idéas em certas quadras da vida dos povos. Logo que se acha a formula exacta, a expressão justa do principio que se pretende enunciar, sobrevem um phenomeno quasi identico

*idea me
tray*

aos actos de suggestão mental — como os validam hoje Charcot, Janet, Richet, Ribot, Taine e tantos outros — seja por transmissão, seja por imitação ou por qualquer outra influencia ignorada, o principio exposto entra no cerebro de muitos individuos, radica-se ahi, e illumina-lhes as cellulas nervosas com tão energica tensão, que a pouco trecho está assimilada a doutrina em todas as suas partes. Aos homens incultos ou de uma instrucção descuidada, extasia-os a fé, quando não pode subjuga-los o raciocinio. E todos, doutos e analphabetos, habeis e imperitos, vão attrahidos, como hypnotizados, e movidos por esta suggestão mental, atraz da idéa que os impulsiona e dirige. Estes phenomenos — diremos com mais acerto: estes prodigios da evolução não nos maravilham demasiado, quando nos referimos apenas ao presente, e queremos encontrar só, na limitada experiencia da nossa vida, e nas acções dos nossos contemporaneos, a synthese da desenvolução social. Mas se lan-

çamos os olhos para o passado, e vamos observando phase por phase, de periodo em periodo a transformação incessante das crenças, dos sentimentos e das idéas, vemos, surpreendidos, que nada escapa ás leis da evolução, e que a esthetica e a ethica, que parecem ser os ideaes mais venustos e symbolicos da humanidade, essas mesmas passam por analogas e profundissimas metamorphoses.

Não cabem aqui investigações paleoethnologicas, e os estudos de anthropologia levar-nos-hiam para longe da nossa ordem de idéas, temos, todavia, em exemplos familiares e caseiros, e de não remotas eras, a demonstração provada do que acabamos de expender. O clero, as ordens religiosas e a nobreza tiveram em Portugal um prestigio, uma influencia e uma auctoridade, que milhares de factos repetem até á saciedade. Desde D. Sancho II até D. Maria I abunda, com raras interrupções, a supremacia do episcopado portuguez. Tornou-se moda, desde o ultimo quartel do seculo

passado, exaggerar a acção directa, sobre os nossos costumes, dos padres da Companhia. N'este nosso triste meio, qualquer calumnia aceirada com todas as insidias que proporcionam o mando e o poder, acha facilmente echo em todos os espiritos frivolos, ignaros e triviaes, que, em mal, medram com cabedal e credito n'este amoravel torrão. Ou por ambição propria, ou para avigorar o poderio e luzimento da coroa, quiz o marquez de Pombal esmagar todos os estorvos que elle presuppunha encontrar á vontade soberana, ao posso, quero e mando do monarcha. Afigurou-se-lhe que a Companhia de Jesus, pelas suas relações com a nobreza e por uma presupposta ascendencia nas classes populares, era rijo obstaculo ás suas prepotencias, e por isso, com rara doblez, diffamou-a por toda a Europa no intuito de mais facilmente a exterminar. E fê-lo.

O duque de Châtelet no seu interessante livro: *Voyage en Portugal*, narra que, n'uma

larga conversação, lhe dissera o marquez de Pombal: «Finalmente quanto obrei, foi por ordem de meu amo, e nada tenho de que arrepende-me. Accusam-me principalmente de ter sido cruel; mas obrigaram-me a ser rigoroso. Quando eu annunciava as ordens do rei, e não faziam caso d'ellas, era indispensavel recorrer á força: as prisões e os carcerees foram os unicos meios que encontrei, para domar esse povo cego e ignorante.»

Não nos podemos occupar aqui do que deveu Portugal ao padre Francisco de Xavier e mais religiosos da Companhia, como tão elegantemente soube dizer-lo o erudito João de Lucena; não nos sobra espaço para rebater as aleivosias que assacam aos jesuitas, ácerca da jornada de Africa onde pereceu o moço rei D: Sebastião; parece-nos, tambem, ocioso referir os aleives com que pretenderam infama-los, imputando-lhes a occupação castelhana, e as suspeitas odiosas com que quizeram feri-los sobre factos occorridos depois da

restauração — suspeitas estas que os relevantíssimos serviços do padre Antonio Vieira refutam e pulverizam — bastar-nos-ha um dos derradeiros embustes e não dos menos cavilosos. Andava assente na opinião de todos, como se fôra caso passado em julgado, que os padres da Companhia, pelos seus enredos e machinações secretas, haviam occasionado os dictados altivos dos imperadores da China com que ficára tão offendida e ultrajada a christandade. Nem essa opprobriosa accusação pode hoje resistir á luminosa prova não diremos só, n'este ponto, da sua innocencia, mas accrescentaremos, tambem, da sua mansidão e exemplar obediencia. As investigações do habilissimo compilador Biker, deram clarezas de evidencia ao proceder intemerato e inconcusso da Companhia de Jesus. No Tomo V da «Collecção de Tratados e Concertos de pazes» encontra-se a pagina dezesete o seguinte: «Relação sincera e verdadeira do que fez, pretendeu, e occasionou na missão

da China, e em Macau, o patriarcha de Antiochia Carlos Thomás Maillard de Tournon, Commissário e Visitador Apostolico, com poderes de Legado de Latere. Desde o principio de Abril de 1705 até ao fim do anno de 1707.»

Outrem, que não a Companhia, se maculou em tão desprimorosa occorrença. Os jesuitas teem commettido erros — teem talvez errado muito. São homens e como taes nada lhes pode ser extranho, na phrase de Terencio, do que é proprio á natureza humana. Mas se a mão poderosa de Pombal, auxiliada pela penna de José de Seabra, não tivesse pesado sobre a Sociedade de Jesus, phantasiando alem do exterminio esse indigesto libello alcunhado de «Deducção Chronologica», estamos certo que outra seria a fama da Companhia. Foi grande a preponderancia das ordens monasticas em Portugal — mas sobrelevavam a todas os dominicos e franciscanos. Dominavam aquelles com os echos convincentes da tribuna sagrada, e com os terrores da

Inquisição empavoriam — estes achegavam-se ao viver íntimo do povo, penetravam nos seus lares, e eram os confidentes d'aquellas timidas e obcecadas consciencias. O duque de Châtelet no tocante aos portuguezes escreveu: «Seriam bons christãos, se não estivessem cegos pelo fanatismo. Acham-se tão costumados ás praticas religiosas, que são mais supersticiosos que devotos.»

A Inquisição foi mais que um tribunal — era uma ameaça permanente, sempre vigilante e implacavel, que tinha como elementos a politica dos reis, a razão de Estado, a cobiça dos inquisidores, e o fanatismo da opinião. O que ella foi como instituição, como se creou, como funcionava, e quaes foram as suas terribes consequencias está dicto por Lhorente na sua «Historia da Inquisição em Hespanha», e em egual e valiosissimo trabalho por Alexandre Herculano ácerca da Inquisição em Portugal. Atrophiou cerebros, apagou o lume da razão em milhares de espiritos e preparou

gerações de inconscientes. Povos do extremo Occidente, costumados a respirar as ardentes brizas africanas, com parentesco não remoto na raça semitica, pode-se comprehender, sem hesitação, a que funestos resultados os levaria uma intolerancia feroz, erigida em systema, e a que perversão chegariam crenças acendradas em tão tenebroso meio. A depressão do cerebro veiu logo, acompanhada pelo mais enervante estado social. Foi o nihilismo da vontade — a peor de todas as decomposições moraes. Nas *Memorias* publicadas por um viajante, que veiu a Portugal no reinado de D. João V, e onde se encontra uma longa e extraordinaria defesa da Inquisição, e por isso mesmo de todo o ponto insuspeito, lê-se o que vamos para aqui trasladar: «Devo com-tudo advertir aos estrangeiros, que forem a Portugal, e quizerem assistir a esta cerimonia, que devem andar com a maior prudencia no dia do Auto de Fé, de modo que nada façam, ou digam, que possa scandalizar a

*é a ma-
xima do
Jesuítas
Bandeira de
causar*

superstição dos portuguezes. Devem estar bem seguros a respeito das pessoas, com as quaes vão ver passar a procissão; pois os portuguezes não estão menos animados n'aquelle dia a favor da gloria da Inquisição, do que o estavam antigamente as bacchantes em honra do Deus da parreira. E' difficil que um estrangeiro passe por entre a chusma de que as ruas estão apinhadas, sem que as pessoas do povo baixo deixem de resmungar por entre os dentes injurias, que significam em geral: *Que bem que ficava uma carocha a este herege!* Proferem ordinariamente mil maldicções contra os desgraçados que vão a queimar, e se vêem algum espectador tristonho, não deixam de lhe dizer: *que está triste por levarem seus irmãos a queimar na fogueira!* Vemo-los por toda a parte dominados pelo zelo exclamarem: *Que grande clemencia! Bemdito seja o santo Officio!*

«Para não andarem expostos aos insultos da multidão, é melhor ver de uma janella, e

não falar com ninguém, e ter nas mãos a lista impressa, a qual contem os nomes dos desgraçados que vão executar, seus crimes, sentenças, e supplicio que vão padecer. D'este modo, entretidos a ler, não incorrem no risco de faltarem áquella prudencia que é preciso ter». Diz o mesmo escriptor, que chama festa a um Auto de Fé, por causa do prazer que os portuguezes sentem em assistir ás suas horriveis cerimoniaes. Accrescenta mais, que seria bom que se pozesse termo, em Lisboa, á gritaria que se faz á noite, cantarolando o Terço deante das casas, e que porfiam todos em gritar com maior força. Beckford, nas suas preciosas cartas ácerca de Portugal, refere um trecho do sermão, que, na igreja de Santo Antonio, ouvira a Fr. João Jacintho. «Felizes, exclamou o pregador, eram esses tempos gothicos, falsamente denominados tempos de barbarie e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela allucinadora bebida da philosophia, se abriam

ás palavras da verdade, que manavam como o mel das boccas dos santos e confesores, taes como as que destillavam os labios de Antonio».

Na «*Descripção da Cidade de Lisboa*», publicada em Paris, no anno de 1738, affirma-se, que o povo se reúne em ranchos defronte dos nichos, depois de se tanger a Trindades, onde rezam a grandes vozes. Relata, que nas procições de quaresma é uso azorragarem-se horriavelmente muitos individuos a si proprios, arrastarem cadeias presas ás pernas, trazerem barras de ferro com os braços em cruz e outras penitencias semelhantes.

O predominio do clero levou a sociedade a um estado mental, em que a idéa religiosa absorvia todas as funcções psychicas, annullando qualquer outra manifestação intellectual.

A superioridade da nobreza, com raros intervallos, ostentava-se por mil formas, e estorvava, em muitos lances, a livre acção da

coroa. Explicam-se d'esta maneira as palavras que disse Pombal ao duque de Châtelet: «Os fidalgos, que se obstinavam em suas insolentes pretensões, as quaes eu quiz anniquilar, empregaram todos os meios possiveis para me perderem».

Já Diogo de Couto lastimava o pouco que valiam portuguezes se não eram fidalgos. Occupando-se de Dio, diz o illustre escriptor: «Fernão Carvalho, tanto que foi o quarto da modorra, despediu o batel com seis soldados, que para aquillo escolheu, cujos nomes ficaram em esquecimento aos d'aquelle tempo, (por que os d'estes homens, que não nasceram illustres, e fizeram coisas abalizadas, não lhes luziram nem em historias, nem em mercês, e satisfações; por que é muito antiga esta miseria portugueza não saber dar lugar ás virtudes, nem engrandecer honrosos pensamentos, antes acanha-los, e despreza-los pelos verem avantajar nas obras a alguns, que se contentam da gloria de seus passados). E esta

é a razão, por que muitos não trabalham por obrarem grandes proezas, por que antes querem poupar as vidas, que arrisca-las sem esperança de galardão».

Narrando uma victoria, alcançada por D. Diogo de Noronha, em que desbaratou os Abexins, diz ainda o illustre escriptor: «Não achámos que da nossa parte houvesse mortos; mas se os houve, foram tão poucos, que nem lembraram, por serem sem nome (por que é tal nossa miseria, que estes por muitas façanhas, e cavallarias que façam, com a morte se lhes acaba tudo; e assim se passa por suas coisas, como se o esforço não tivera merecimento mais que nos illustres».

Apesar da desharmonica e irregular marcha da evolução entre nós, devida a tão extranhas e desvairadas causas, a despeito dos accidentes da nossa vida social, que nos trazem tão distanciados dos modernos clarões da civilização europea, ainda assim, consideremos onde se encontra hoje grande parte d'essas pree-

minencias, d'essas prerogativas, d'essas preponderancias e primados que avassallavam e opprimiam a patria. — Avaliemos onde se refugiaram essas exaggeradas crenças, que iam até á mais ígnara superstição, e que por vezes tocavam as raias da demencia.

As novas gerações das classes superiores, que não mendigaram o amargo pão do exílio, que não prantearam os seus agnatos tingindo com o mais generoso sangue o patibulo da tyrannia, que não viram irmãos cahirem des-sangrados e exanimés nas requestas da liberdade, e que nem sequer penetraram nos lobregos carceres onde as luctas politicas arremessam os seus martyres — as novas gerações, dizemos, sem o baptismo do fogo nem do desterro, creadas no seio de uma anarchia mansa com que mal atina o nome de liberdade, falta-lhes a experiencia dos grandes commettimentos, e olham com desdem todos aquelles que, devotados ao culto das grandes idéas, assistem com assombro e respeito á marcha

*ou agnato
colateral
de origem,
samente ma
culpa, e des
cendentes de
restante de
macho em ho
men mais
só*

confite

havia

cada vez mais veloz da democracia. Affeitas a verem resolver com desprezos ou com corrupções as futeis minucias da politica interior, suppõem e afigura-se-lhes supporem bem — que os destinos da humanidade, os gravissimos problemas sociaes, a autonomia dos povos, a federação das nações, finalmente todos os phenomenos sociologicos, que as leis historicas vem como que desdobrando em opulenta e interminavel tela, são apenas ephemeras phantasias, creadas por cinzeladores de phrases, e que engastadas nos rendilhados de primoroso estylo se assemelham, como, n'um conto de fadas, á sombra d'um sonho, que genios nos servem em salva de diamante.



O opportunismo praticado pelas instituições da actualidade, não revela um systema, um

princípio meditado de governar: representa só uma indeclinavel e ineluctavel necessidade. Os governos são opportunistas, porque no estado das sociedades, nos ultimos desenlaces d'este periodo de evolução, intentando administrar com as fórmulas existentes, não lhes resta mais nenhum recurso. Pretendem dirigir, e são dirigidos — querem encaminhar, mas são levados. O opportunismo é, pois, um symptoma de impotencia, e nada mais. A ausencia de pensamento e a nugatoria orientação, são unicamente as consequencias immediatas e necessarias d'estes desequilibrios que já causam lastima e piedade. Seria grosseiro erro ou obcecação indesculpavel reputar, no presente, o governo monopolio da ignorancia, e privilegio da mediania. Não — muitos espiritos d'uma lucidez não vulgar teem subido ao poder, e a mais do que um temos ouvido, em momentos de expansão e de amargura, phrases d'um sincero e inconsolavel desanimo, phrases repassadas de amarga tristeza, por quem se

vã, futeh
frivola

vê submergir n'um oceano de decepções e desenganos. E' que nas situações d'uma politica indefinida, como esta, todos os esforços, ainda os mais energicos e vehementes, são inteiramente baldados. Levantam-se estorvos insuperaveis a cada hora, e os governos sentem, como nos abalos e sacudimentos geologicos, estremecer-lhes o solo debaixo dos pés. Envoltos n'uma serie infinda de embaraços, de luctas intestinas no seu proprio seio, de ruins paixões dos seus mesmos sequazes, e de rivalidades, nascidas da cobiça e de intransigentes egoismos, extorcem-se dolorosamente nas convulsões da sua impotencia, como Laocoon entre as roscas da serpe que lhe enlaça e estreita o torso. E' a referta, a pugna desesperada da ambição sem crenças. Ministros, e não poucos, sorriem com ineffavel goso ao abandonar o encargo pesado da administração publica, e essas horas em que se desvestem das insignias do poder, teem-nas por tão deleitosas, que mais parecem um somno tran-

quillo e recuperador de forças, que vem depois do arquejar e gemer de longo pesadelo. Todos os partidos monarchicos, quer se appellidem conservadores, doutrinarios, progressistas ou democratas, todos á uma, inscrevem como lemma no seu escudo e tenção na sua bandeira: economias, reformas, melhoramentos materiaes, liberdades publicas, e progresso. E' tal o indefinido, e a confusão de idéas nos seus arraiaes, que hoje decretam garantias e amanha defendem repressões, agora dictam medidas protectoras logo impõem regras de livre cambio, n'esta hora prescrevem rigores para mais tarde estatuirem demasias, finalmente, ora invocam os mais precipitosos themas de socialismo, ora desgarram nos tresvariados argumentos da reacção. Não teem systema, não teem eschola, não teem pensamento seu a que subordinem e sujeitem idéas e acções — vivem n'um eclecticismo vago, aventureiro, oscillante e erradio, que funciona ao sabor das circumstancias, e em que vão ex-

gottando toda a vitalidade, com os impulsos desvairados d'uma politica de accidentes e de improvisos. Não se legisla no intuito de que cada preceito se harmonize com um determinado pensamento de governação, de que todas as prescripções abranjam uma serie de lucubrações, presidindo ao conjuncto das medidas decretadas. Proceder d'esta maneira, seria, para tão candidos opportunistas, a mais lastimosa de todas as catastrophes. Clamava logo o Minho que se insurgia se o governo tal ousasse, bradava o Alemtejo que se rebelava contra semelhante prepotencia, ameaçavam as Beiras que não cumpriam as leis, protestava o Algarve que as não deixaria executar. Não dizemos com precisão — devemos exprimir-nos com mais rigor, embora seja grande leitura. Quem bravateia, quem vocifera e quem ronca não é o Minho, nem o Alemtejo, nem o Algarve: são os potentados, os mandões, e os poderosos. Os povos, pobres povos — esses acurvam-se e obedecem. E é para notar

uma engraçada ardileza, que se repete sempre com o mesmo exito e vantagem. Busca um politico abastado acercar-se dos governos, estriba-se a pouco trecho n'essa privança para alcançar influencia na sua localidade, e logo vem impor-se a esses mesmos governos, ameaçando-os com uma ascendencia que só a elles é devida, pelo valimento que lhe concederam, e dispensaram. Mais tarde, pavoneia o seu prestigio e popularidade com taes ferros e ameaças, que consegue inquietar os poderes publicos, e vergar-lhes a vontade. Em plano menos elevado, sem que por isso o scenario seja menos luzido e vistoso, mostram-se os interesses constituidos por diversas fórmulas, e representados por varios grupos. Cada um d'esses centros tem uma alta influencia politica, que em muitos casos domina e dirige uma situação. N'um paiz tão estreito no tamanho, como nas classes elevadas tão estreito é em convicções, parece-nos ter dicto o sobejo para sermos comprehendido.

Em condições taes, chamar-se-ha governar aos actos de qualquer governo?

Entra uma lei no parlamento que ataca diversissimos interesses, a cada artigo fervem as emendas de todos os lados da camara, e defendem-nas homens de todos os partidos. Quando chega á publicidade e vigor que lhe dá a folha official, do pensamento do governo que tomou a iniciativa e a esteou tambem no seu accidentado e aventureoso percurso, resta muitas vezes um artigo só, onde se foi asyklar a dignidade e o pundonor do poder. Verdade é que esse artigo diz assim: «Fica revogada toda a legislação em contrario.» De uma lei entre muitas, não das menos extensas, e de ha muito publicada, sabemos nós, que cada artigo tem uma historia, cada historia um interesse, e cada interesse teve um protector.

Subir ao poder, parece-nos uma phrase tão lisongeira e cortezan para explicar uma nova administração politica, que mais sincero e

verdadeiro se nos afigura dizer ; subir ao Golgotha das expiações.

Ha como que uma agonia constante e ininterrupta n'esta abnegação de crenças, de idéas, de designios e de estudos aturados, que passa desdenhada, despercebida, satirizada, e não poucas vezes envolta n'um labéo indelevel com que fica eivada a fama.

Ser governo, não dizemos bem, ser dirigido assim, não é governar — é ser martyr. E martyr sem nimbo refulgente que o recorde aos porvindoiros, nem proselytos fervorosos que lhe suavizem as horas nos tratos d'este afflictivo eculeo, ou que lhe cinjam, depois, a fronte com as palmas do martyrio e da immortalidade. E tão abatido vae já o nivel d'essas ascensões aos conselhos da coroa, que nem honrada fama já cabe em partilha, ao que deu o melhor do seu cerebro e do seu doce remanso n'este padecer inglorio, afanoso e esteril.

As instituições não se abroquelam agora nas

crenças e brios dos seus defensores — escuda-as o numero de probabilidades da sua duração, e vivem da somma de interesses, que a sua existencia apoia e protege. E ainda os que se ostentam como os seus mais zelosos propugnadores, deslembram-se por vezes de velar esta feição sordida e interesseira — tal é o egoismo brutal dos nossos tempos. Invocam a segurança dos seus capitaes — dos seus papeis iamos nós quasi escrevendo — allegam a tranquillidade de que o paiz carece para a estabilidade do seu credito, baralhando aqui, por uma deploravel confusão, acinte feita, o seu proprio com o credito da nação — e argumentam com os perigos da autonomia da patria, que parece estar dependente de que uma certa oligarchia tenha mando e governança, e subordinada tambem a determinadas affeições ou inimizades partidarias.

A monarchia é, e foi sempre uma religião politica. Deve manter intemeratos os seus foros, que hão de roborar crenças, culto e

liturgia. Feitos heroicos, tão famosos como todas as chronicas os narram, tendo por escopo a mais generosa e genuina dedicação pela coroa, não os pratica o interesse, nem taes lances teem que ver com especulações de bolsa ou com lucros avultados de onze-neiros e argentarios. São grandiosos estes commettimentos, e d'uma encantadora poesia, por que esplendem ao lume dos mais generosos sentimentos, e não deixam transparecer as sordidas cobiças d'um mercantilismo grosseiro e dissolvente.

A simplicidade tão adequada a todos os actos da vida actual estiomena lentamente, pela evolução, as bases de todas as instituições, que para existir, carecem de todo o esplendor e magestade dos seus dogmas e augustos symbolos. Afastadas do seu meio, sem os esteios que lhes proporcionava um estado social identico, assumem um aspecto tão informe, desharmonico e extranho, que não provocam respeitos nem abnegações. Acham-

se como isoladas, e sentem-se immersas na corrente das transformações sociaes, que vae subindo a cada momento, e são obrigadas a concessões que lhes empannam o prestigio, e preparam fatalmente a ruina.

N'este periodo de transição em varios paizes europeus, patenteia-se a mesma desharmonia em todos os actos dos governos — a braços com elementos politicos que só agora se revelam como força social, são levados a usar de meios de administração tão diversos como as circumstancias, cedendo, transigindo e pactuando, quando vêem quasi a fugir-lhes das mãos o poder e a auctoridade.

Tão extranha politica de alternativas, expedientes e hesitações pode arrastar annos uma existencia inquieta e dolorosa, cerrando os ouvidos a todos os brados da opinião. Pode aspirar a um futuro mais risonho, confiada nos colossos militares, que sonham ter os povos subjugados com os seus preciosos engenhos de guerra. Pode suppor que Attilas e

Alaricos vão renovar, por uma inversão histórica, as excursões do passado.

Vanissima esperança — ensurdecem aos echos da verdade.

O que as leis sociologicas nos indicam é, que os dias d'este inutil opportunismo estão contados.



As agonias das instituições, das crenças, e ainda as dos interesses, não são, na sua marcha, semelhantes ás agonias do homem, tomado isoladamente. Ha mil accidentes desencontrados, fortuitos e inesperados successos, que lhes embargam por dias, e ás vezes por largos annos a lenta enervação. São estas dilatações, que dão rebates aos espiritos menos lucidos de que se transviou a acção dissolvente, e de que

essas instituições e essas crenças, em vez de se transformarem, entram, ao contrario, n'um novo periodo em que se remoçam, avigoram e rebustecem. E' que as transições, na vida social, não teem prazos fixos de decomposição, as correntes sociaes detem-se ou apresam o seu desenvolvimento, impulsionadas por muitas causas, as mais d'ellas desapercibidas ou mal observadas na hora em que actuan, e desviando-se a linha da sua direcção, forçosamente os effeitos hão de ser diversos e inopinados. Ainda hoje a sociologia não possui elementos bastantes para preconceber e calcular todos os phenomenos, que retardam ou impellem a marcha da evolução. Demais, as manifestações do quarto estado irrompem agora por uma fórma tão vivaz e energica, que não é facil desde já medir-lhes o alcance, nem antever o exito das suas vehementes reclamações nos differentes paizes da Europa. Presente-se a lucta, ouve-se o ruido subterraneo d'um trabalho de sapa, que vae minando

ás surdas o organismo social, mas ninguém pode predizer a hora, nem conjecturar os efeitos da explosão. Todos estes rumores sinistros vão perdidos no vozear constante das ambições e dos interesses, que se chocam, e que não dão margem, para que politicos serios acudam, com o lume da sua razão, a destrinçar sonhos e phantasias de visionarios e poetas. E detraz d'esta respeitavel consideração, que germina frondosa no cerebro de todos os graves esteios, appellidados estadistas das instituições existentes, arrojam-se, em precipitosos raudaes, phrases ocas d'uma lassa banalidade, que rematam sempre por um sorriso de desdem, dirigido aos miseros utopistas que ousam duvidar, que este seja o maximo grau d'excellencia em todos os estados sociaes.

Seja. Discutir aqui, e em Portugal, este ponto é alem de inglorio, inefficaz e inutil. Está feito esse estudo em toda a parte onde a civilização já penetrou, e os proprios eco-

nomistas, e publicistas conservadores, alguns d'elles com suas tintas reaccionarias — esses mesmos, não occultam os vagos presentimentos que os assaltam ácerca das tempestades do futuro. Bem insuspeito se nos afigura Bluntschli, e se por agora não soluça threnos, cantar epinicios não o ouvimos tambem. Com premeditação que não occultamos, ficam esquecidos os escriptores de todas as escholas avançadas, que enchem hoje a Europa com o ruído do seu nome. Para que nos tomem por insuspeito chega a intimidar-nos a sombra d'uma exaggeração até.

Diremos só, que os encantos e a magia do presente trazem sempre deslembrados os casos riscosos do porvir. As excavações de Herculanium e Pompeia, a morte, tambem de Plinio dão a medida da incuria e negligencia humana. A velha maxima de que facilmente acreditamos o que queremos, toma feição de axioma, mormente se a ambição ou o interesse são o pasto do nosso querer. A dedicação,

quando é sincera e immaculada, obedece, como todos os sentimentos generosos, ao mesmo impulso.

Attrahem-nos os exemplos de casa quando os encontramos á mão. Será um d'estes o que se vae lêr: A 28 de Maio de 1829 escrevia em Lisboa o visconde de Santarem a D. Miguel:

«SENHOR:

«Permitta-me Vossa Magestade que reverentemente depois de lhe beijar a sua real mão lhe communique, que os despachos recebidos pelo Paquete entrado hontem, não adeantam nada consideravel no ponto essencial, ainda que se repetem novas seguranças dos Ministros britannicos de verem concluida quanto antes a negociação principal do reconhecimento de Vossa Magestade.

«Julga-se que Chamberlin virá immediatamente a esta côrte com o pretexto de substi-

tuir a Mathews como tantas e tantas vezes tenho reclamado, e a fim de tratar commigo.

«Na conformidade das reaes ordens de Vossa Magestade terei a honra no sabbado de ir ao despacho, e de levar á sua Soberana Presença os assumptos importantes que actualmente existem.

«A Sagrada Pessoa de Vossa Magestade guarde Deus por longos e dilatados annos como todos os seus fieis vassallos hão mister. Senhor. De Vossa Magestade humilde creado — *Visconde de Santarem*. Lisboa 28 de Maio de 1829».

Repetiam-se, então, novas seguranças por parte da Inglaterra do reconhecimento de D. Miguel. Que jubilo devia ir na alma leal e dedicada do intelligente visconde!

A 5 de junho de 1834 levantava ferro no porto de Sines a fragata de guerra ingleza, *Stag*, levando a seu bordo D. Miguel, acompanhado tambem pela corveta, *Nemrod*. Foi este o complemento do epilogo de 27 de maio

de 1834, denominado convenção de Évora Monte.

Poucos annos bastaram para fanar todas essas esperanças, e emmurchecer todos os sorrisos desdenhosos, tão bem cabidos, para com os incredulos e visionarios de então.

As classes superiores da sociedade, repassadas de preceitos utilitarios, e imbuidas na convicção de que a vida é curta para gosar, e estreita para largos commettimentos e para lances de bizzarria e primor, propulsam, nojosas, e odeiam com acerbo rancor, tudo que possa arranca-las aos seus deleites e aspirações vaidosas. Pasmam que haja apóstolos sinceros de remodelações sociaes. Gerações que abundam em anemicos e dyspepticos, e sobretudo em que predomina a nevrose, chegam a invejar a voracidade dos famulentos. Levadas por uma erradia e desvairada orientação suppõem, talvez, que assim como os jardins se vestem de pallidas violetas e se trajam de matizados rosaes, para as inebriar

com seus recedentes e mimosos aromas, assim, também, as oficinas se enchem de operários, e os campos se povoam de jornaleiros só para seu uso e utilidade. Direitos, reclamações e protestos do proletariado! — que extranhas vozes são essas? Acaso a bonina dos prados tem direitos? — por ventura o lírio dos valles ousa reclamar? As vagas que se elevam nos estos do mar, coalhando de rugidos os páramos do Oceano, a briza que geme, como melodiosa harpa eolia, por entre a frondosa ramaria dos bosques, as estrellas que fulgem como saphiras engastadas no formoso esmalte do céu, não vindicam direitos, não exigem melhoramentos — e quere-os o proletario, que nasceu sómente para afanosos e lidados trabalhos? Nos centros onde se contempla a vida por este lucido e crystalino prisma, desadoram-se e abominam-se alterações e reformas, como o voluptuoso de Sybaris detestava a folha de rosa que ia vincar-lhe o effeminado torso.

E' n'estas escholas que se criam, e florescem os homens praticos. Já em Jeruzalem, pelos tempos de Christo, foi assim. Havia uns homens doutos, lidos em todos os livros da lei sagrada, e que ensinavam com profusão enorme de textos, que é a letra que vivifica e o espirito que mata.

Quando Jesus atravessava sereno e impassivel por entre essas turbas de utilitarios, preparavam-lhe elles a agonia, e como complemento urdiam-lhe a calumnia e a diffamação.

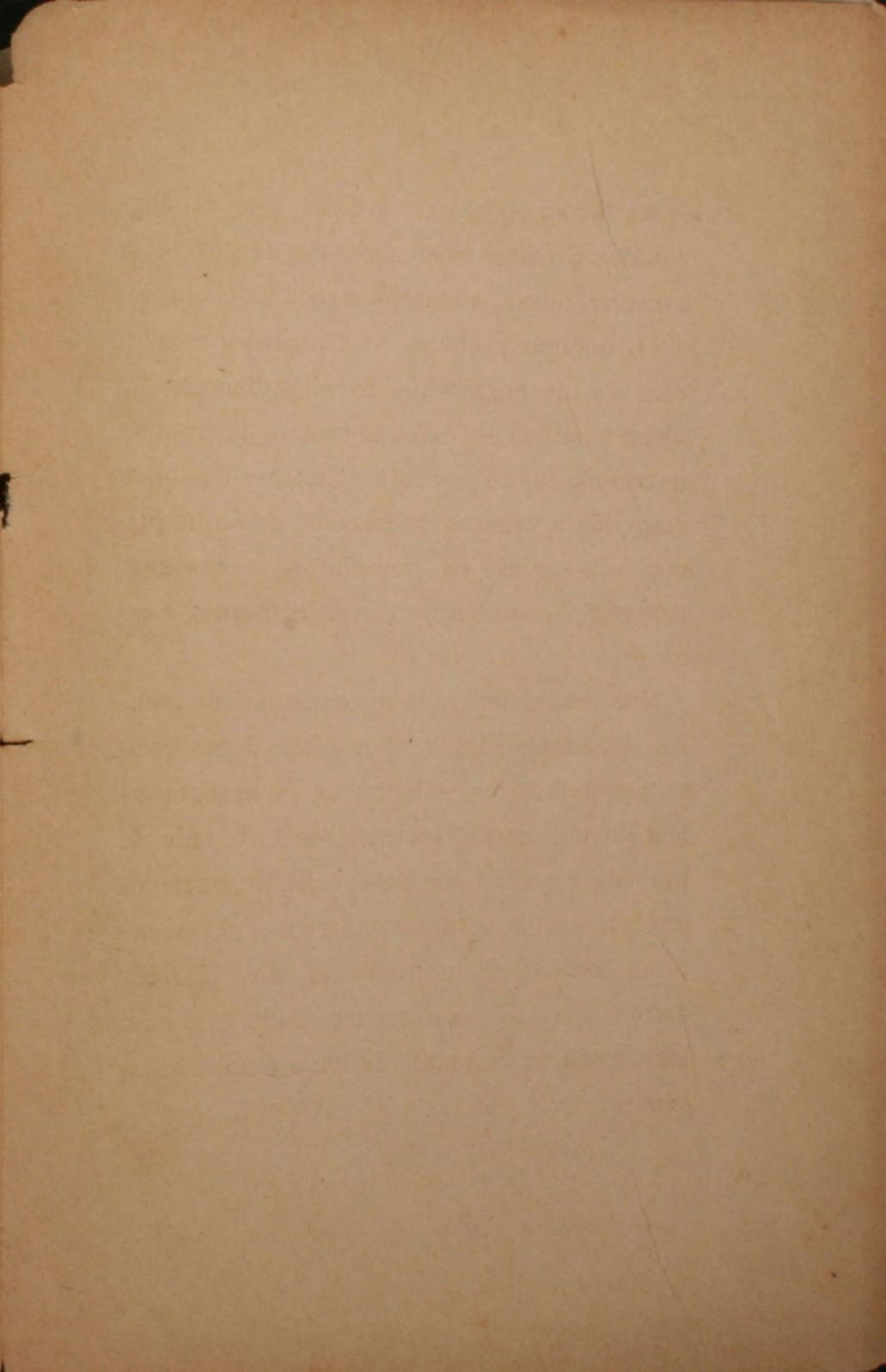
São hoje outros os tempos. O que então se chamava pauperismo, denomina-se agora quarto estado. A propaganda não a fazem os humildes e os escravos — fa-la a sciencia em nome da dignidade humana, e diffunde-a a civilização.

Todas as intelligencias, ainda as menos cultas, observam conscientes a agonia da organização social como ella hoje funciona, e todas prevêem a transformação que se approxima, cujos prodromos invadem já as sociedades.

As luctas podem ser ardidas, e os exaggeros dos partidos avançados hão de por vezes estorvar, talvez, a marcha franca da evolução.

Os homens praticos, os espiritos que invocam a cada hora o que só elles denominam idéas positivas — esses logram e desfructam os commodos do presente, affectam em publico respeitos e crenças inabalaveis, e são os primeiros — elles, os impollutos, a chancear em intimo contubernio dos seus momos e esgares.

Não desanimam nem se acovardam os cren-tes — phantasiadores ou utopistas como queiram appellida-los, sabem que as immutaveis leis do universo são superiores á vontade do homem, e que na sua desenvolução, por mais implacaveis que se mostrem, teem os rhythmos e as cadencias harmoniosas dos fulgidos astros, que, no seu imperturbado e sereno giro, enchem de rastos de luz a amplidão do céo.







OS SALÕES

1.ª SÉRIE

Affirmações Democraticas..... 200

2.ª SÉRIE

As Hesitações da Actualidade..... 300

3.ª SÉRIE

As Indifferenças do Seculo..... 600

4.ª SÉRIE

As Impaciencias..... 500

5.ª SÉRIE

As Agonias..... 500

NO PRELO

6.ª SÉRIE

As Expições